

A COMÉDIA DOS ERROS



**WILLIAM
SHAKESPEARE**

Coleção

www.oficinadeteatro.com

Ridendo Castigat Mores

Apoio



Patrocínio



Realização



A COMÉDIA DOS ERROS
(The Comedy of Errors)
William Shakespeare

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet, através da Virtualbooks, com autorização de Nélson Jahr Garcia.

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda. É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

O Autor deste livro gostaria imensamente de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

jahr@jahr.org

jahr@dglnet.com.br

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições. Estamos à espera do seu e-mail.

vbooks02@terra.com.br



Apresentação

SHAKESPEARE: A ARTE DA PERSUASÃO

Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que sonha a tua filosofia (There are more things in heaven and earth, Horatio, that are dreamt of than in your philosophy)

Muito já se discutiu e se escreveu sobre persuasão. J.A.C. Brown, psicólogo, escreveu “Técnicas de Persuasão”. William Sargant, psiquiatra, produziu a obra “Battle for the Mind”. sobre conversão religiosa e lavagem cerebral. Serguei Tchakhotine escreveu “Le viol des foules par la propagande politique.”

Os estudiosos da Escola de Frankfurt produziram várias obras que envolviam o assunto, principalmente Max Horkheimer, Theodor Adorno e Jürgen Habermas. Infelizmente nenhuma dessas obras trouxe uma explicação satisfatória sobre o processo da comunicação persuasiva.

É que às vezes as respostas não se encontram em cientistas, pesquisadores e doutores, mas com literatos, poetas, dramaturgos; aqueles que observam, sentem e escrevem. Interessante, percebem as coisas da vida sem utilizar metodologias científicas e que tais. Aprende-se Psicologia com Machado de Assis, melhor que em Freud; Sociologia, com Gilberto Freire, se conhece melhor do que em Durkheim. William Shakespeare produziu uma teoria sobre a persuasão que cientista nenhum desvendou, basta ler com atenção devida.

Iago, com argumentos e artimanhas, convenceu Otelo de que sua esposa, Desdêmona, era infiel. Lady Macbeth persuadiu Lorde Macbeth a matar o rei para tomar-lhe o trono. Próspero, dominou espíritos para que o ajudassem em sua vingança. Cássio convenceu Bruto a matar Júlio César. O fantasma do rei da Dinamarca convenceu Hamlet, o filho, a vingar sua morte. Romeu seduziu Julieta e foi seduzido por ela, a ponto de se suicidarem ambos. Petrucchio domou a megera Catarina, transformando-a em mulher dócil e submissa. Em todas essas obras, e em outras que não mencionei, há uma idéia recorrente: a comunicação persuasiva, para ser eficiente, pressupõe um fator: as fraquezas humanas. As pessoas são mais facilmente persuadidas quando se apela para o egoísmo, ambições, invejas, ciúmes, paixões, dores, arrependimentos.

Esse foi um dos legados que William Shakespeare nos deixou, há quatrocentos anos. Entender o ser humano em suas fraquezas, suas forças, suas felicidades, seus gozos e angústias. Mas não se trata apenas de entender o outro, a nós mesmos também. Somos todos guerreiros, às vezes, políticos, no sentido grego, constantemente. Também somos incapazes. Romeu não conseguiu ser bem sucedido com Julieta, não lhe deram tempo nem oportunidade. Macbeth não pode obter as vantagens do trono, sanguinariamente conquistado. Quanto ao ser humano, Shakespeare nos ensina algo importante, senão fundamental: o homem não é bom ou mau, apenas homem.

Um famoso humorista contestava a história do Chapeuzinho Vermelho. Perguntava: “por que lobo mau, acaso existe lobo congregado mariano ou coroinha de igreja? Lobo é lobo, nem mau nem bom, só lobo”. Pois é, o homem é homem, nem bom nem mau, apenas homem.

Shakespeare percebeu, o que os chineses já sabiam há séculos e Marx viria a descobrir mais tarde: o homem é uma unidade de contradições, maldade e bondade as carrega no peito, ao mesmo tempo e em todas as horas.

Frei Lourenço (Romeu e Julieta) em um breve monólogo disse o seguinte: “A terra é a mãe e a tumba da natura; ministra a morte e, assim, apresta a cura. Filhos de vária espécie, no seu seio a mamar encontramos, sem receio; uns por por várias virtudes, excelentes; cada um com a sua, todos diferentes. Oh! é admirável a potente graça que há nas ervas, na flora, na pedra crassa, pois até mesmo o que há de vil na terra algo de bom, influência dela, encerra; nem nada bom existe, que, torcido do uso normal, não se revele infiel à própria natureza e nascimento. Até mesmo a alta virtude, num momento mal aplicada, em vício se transforma, e este, por vezes, ao dever dá a norma. Na corola infantil desta florzinha veneno mora que dá morte asinha, Cheirado, ao corpo todo dá alegria; mas pára o coração no mesmo dia, quando dado a beber. Dois reis potentes nas plantas e nos homens oponentes acampamento têm: a atroz cobiça e a graça benfazeja. Se insubmissa se mostra a pior, então vem logo o verme da morte e rói essa plantinha inermes.”

O arrependimento é de constante frequência na obra do dramaturgo, os personagens perpetram as piores crueldades imagináveis, mas acabam sofrendo dores de consciência. Macbeth mandou matar o rei para obter a coroa, mas passou a sofrer amarguras internas. Hamlet estava decidido a vingar o pai assassinado, mas era angustiado pela dúvida: “ser ou não ser, eis a questão”.

Os chefes das famílias rivais, Capuleto e Montecchio, após a morte dos filhos, concluem: “CAPULETO: Dá-me tua mão irmão Montecchio; é o dote de minha filha. Mais pedir não posso.

MONTECCHIO: Mas eu posso dar mais, pois hei de a estátua dela fazer do mais puro ouro. Enquanto for Verona conhecida, nenhuma imagem terá tanto preço como a da fiel e mui veraz Julieta.

CAPULETO: Romeu fama também dará à cidade; vítimas são de nossa inimizade.”

Próspero (A Tempestade) depois de dominar espíritos para que o auxiliassem em sua vingança, termina concluindo: “Restou-me o temor escuro; por isso, o auxílio procuro, de vossa prece que assalta até mesmo a Graça mais alta, apagando facilmente as faltas de toda gente. Como quereis ser perdoados de todos vossos pecados, permiti que sem violência me solte vossa indulgência.”

Voltemos à teoria da persuasão. A credibilidade de quem assegura a veracidade da afirmação é importante.. Como duvidar da palavra de uma feiticeira. Macbeth ouviu, não de uma, mas de três feiticeiras: “Primeira bruxa: Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos, thane de Glamis. Segunda bruxa: Viva, viva Macbeth! Nós te saudamos, thane de Cawdor. Terceira bruxa: Viva Macbeth, que há de ser rei mais tarde!” . Realmente Macbeth se tornou thane de Glamis, depois de Cawdor e afinal rei. Tornou-se thane por merecimento, mas foi induzido pela ambição, que Lady Macbeth soube explorar, a ponto de convencê-lo a matar o rei para tomar-lhe o trono.

A força de um bom argumento, preferencialmente mesclado com sentimento, é decisivo para a persuasão. Julieta, na cena em que está na sacada (antigamente se dizia balcão), pronunciou uma das frases mais célebres da literatura universal: “Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuará sendo o que és, se acaso Montecchio tu

não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob uma outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservara a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu risca teu nome e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteiro.”

A argumentação, acompanhada de um fato adrede preparado, por menor que seja, tem um incrível poder persuasivo, principalmente quando se explora uma fraqueza como o ciúme. Iago furtou a Desdêmona, um lenço que lhe havia dado Otelo e o deixou às mãos de Cássio. Daí o seguinte diálogo: “IAGO - Sede cauto; ainda não vimos nada; é bem possível que seja honesta. Ora disse-me apenas o seguinte: não vistes porventura nas mãos de vossa esposa, algumas vezes, um lenço com bordados de morangos? OTELO - Deilhe um assim; foi meu primeiro mimo. IAGO - Ignorava esse fato; porém tenho certeza plena de ter hoje visto Cássio passar na barba um lenço desses, que foi de vossa esposa. OTELO - Se era o mesmo... IAGO - O mesmo, ou outro qualquer dos lenços dela, é prova muito forte, ao lado de outras.”

Incrível, o patriotismo, o amor à cidade onde se vive podem gerar susceptibilidade à persuasão, Vejam em Júlio César; Bruto orientado pelo patriotismo, e um pouco de ambição, aceita a influência de Cássio; e diz: “Preciso é que ele morra. Eu, por meu lado, razão pessoal não tenho para odiá-lo, afora a do bem público.” Matou Júlio César. Fator importante de convencimento é a cobrança por um favor prestado. Próspero (A Tempestade) libertou Ariel do domínio da bruxa Sycorax e, em troca, exigiu apoio para seu desejo de vingança. O diálogo é assim: “PRÓSPERO: Quê! Zangado? Que podes desejar? ARIEL: Lembra-te que te prestei serviços importantes nunca menti, nem descuidei de nada, nem me mostrei queixoso

ou rabugento. Prometeste abater-me um ano inteiro. PRÓSPERO: Pareces esquecido do tormento de que te libertei.”

O cansaço e o desgaste físico, geralmente, são fatores que aumentam a sugestionabilidade em muitas pessoas. Nas forças armadas a leitura da ordem do dia é realizada depois que os soldados foram submetidos a pesados exercícios e longas marchas. Nas academias de artes marciais, os princípios morais e filosóficos são discutidos ao final do treinamento, quando os alunos já se encontram exauridos. Petrucchio (*A megera domada*) forçou Catarina, imediatamente após o casamento, a viajar sob um inverno rigoroso, ocasião em que ela caiu do cavalo sobre a lama. Já em casa, ralhando com o empregado, alegou que a comida estava ruim jogando-a fora. Com isso deixou Catarina faminta por logo tempo, levando-a quase ao desespero. Não a deixava dormir à noite, fazendo muito barulho e gritando com os empregados. Não a deixava fazer nenhuma afirmação sem contestá-la. Ao cabo de algum tempo a megera hostil transformou-se em mulher gentil, delicada e obediente.

Recurso persuasivo muito utilizado, o apelo à indignação e ao sentimento de revolta, foi empregado por Marx, Lenin, Hitler e tantos outros. Cláudio envenenou seu irmão, rei da Dinamarca, tomou o trono e casou-se com a rainha. O fantasma do rei assassinado apareceu perante seu filho, Hamlet, convencendo-o a vingá-lo a morte. Seu apelo dizia o seguinte: “Sou a alma de teu pai, por algum tempo condenada a vagar durante a noite, e de dia a jejuar na chama ardente, até que as culpas todas praticadas em meus dias mortais sejam nas chamas, ao fim, purificadas. Se eu pudesse revelar-te os segredos do meu cárcere, as menores palavras dessa história te rasgariam a alma; tornar-te-iam, gelado o sangue juvenil; das órbitas fariam que saltassem, como estrelas, teus olhos; o penteado desfar-te-iam, pondo eriçados, hirtos os cabelos, como cerdas de iroso porco-espinho. Mas essa descrição da eternidade

para ouvidos não é de carne e sangue. Escuta, Hamlet. Se algum dia amaste teu carinhoso pai... Vinga o seu assassínio estranho e torpe. A Shakespeare não passou despercebido que os seres humanos muitas vezes, tentam convencer não outros, mas a si próprios, especialmente quando precisam justificar suas atitudes e ações.

Edmundo (Rei Lear) registra bem esse aspecto: “Essa é a maravilhosa tolice do mundo: quando as coisas não nos correm bem - muitas vezes por culpa de nossos próprios excessos - pomos a culpa de nossos desastres no sol, na lua e nas estrelas, como se fôssemos celerados por necessidade, tolos por compulsão celeste, velhacos, ladrões e traidores pelo predomínio das esferas; bêbedos, mentirosos e adúlteros, pela obediência forçosa a influências planetárias, sendo toda nossa ruindade atribuída à influência divina... Ótima escapatória para o homem, esse mestre da devassidão, responsabilizar as estrelas por sua natureza de bode. Meu pai se juntou a minha mãe sob a cauda do Dragão e minha natividade se deu sob a Grande Ursa: de onde se segue que eu tenho de ser violento e lascivo. Pelo pé de Deus! Eu teria sido o que sou, ainda que a mais virginal estrela do firmamento houvesse piscado por ocasião de minha bastardização.”

As citações mostram que Shakespeare, sem pesquisas e fundamentos científicos, mas com intuição e sensibilidade, percebeu como é frágil a mente humana. Alguns recursos de comunicação podem induzir pessoas a agirem de maneira que elas não fariam em outras condições.

Desconheço o que ocorre no céu, mas na terra há fatos e atos humanos que, com nossos conhecimentos e concepções filosóficas, mal sonhamos explicar.

Nélson Jahr Garcia

A COMÉDIA DOS ERROS

(The Comedy of Errors)

William Shakespeare

Cena I

Personagens

SOLINO, Duque de Éfeso.

EGEU, mercador de Siracusa.

ANTÍFOLO DE ÉFESO, filho de Egeu e de Emília.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA, filho de Egeu e de Emília.

DRÔMIO DE ÉFESO, criado dos dois Antífolos.

DRÔMIO DE SIRACUSA, criado dos dois Antífolos

BALTASAR, mercador.

ÂNGELO, ourives.

Um mercador, amigo de Antífolo de Siracusa.

Um segundo mercador, de quem Ângelo é devedor

PINCH, mestre-escola e exorcista.

EMÍLIA, esposa de Egeu, abadessa em Éfeso.

ADRIANA, esposa de Antífolo de Éfeso.

LUCIANA, sua irmã.

LÚCIA, criada de Adriana.

UMA CORTESÃ.

O carcereiro, oficiais de justiça e gente do séqüito.

ATO I

Cena I

Uma sala no palácio do duque. Entram o duque, Egeu, carcereiro, oficiais e séqüito.

EGEU - Vamos, Solino; apressa a minha queda; de mim, com a morte, este martírio arreda.

DUQUE - Cala-te, mercador de Siracusa; parcial não posso ser no que respeita à aplicação da lei. A inimizade e a luta decorrente dos ultrajes inomináveis que, de pouco, o vosso duque infligiu aos nossos compatriotas, honrados mercadores que, por falta de florins com que as vidas resgatassem, selaram seus decretos ominosos com o próprio sangue, excluem qualquer réstia de piedade de nosso olhar terrível. Desde os mortais conflitos intestinos, surgidos entre os vossos compatriotas sediciosos e nós, foi decretado em sínodos solenes, não só pelos siracusanos como por nós próprios, que não se admitiria nenhum tráfico entre as duas cidades inimigas. Mais, ainda: se alguém, nascido em Éfeso, em feiras ou mercados fosse visto de Siracusa, ou, ainda, se um nativo siracusano viesse ter ao porto de Éfeso, morreria e seus bens todos seriam confiscados pelo duque, a

menos que mil marcos nos pagasse, para se resgatar e ficar livre da pena

cominada. Ora, o mais alto cômputo de teus bens escassamente chega a cem marcos.

Desse modo te achas, por nossas leis, à morte condenado.

EGEU - Consola-me saber que o teu decreto hoje põe fim ao meu viver inquieto.

DUQUE - Está bem. Ora quero que nos digas, siracusano, sem rodeio inútil, por

que de tua pátria te afastaste e o motivo de estares ora em Éfeso.

EGEU - Mais pesada tarefa não podia ser-me imposta do que isso de contar-te

minha dor indizível. No entretanto, porque dar testemunho possa o mundo de que

meu triste fim não foi causado por falta vergonhosa, mas por puro sentimento

paterno, vou dizer-te quanto me permitir minha tristeza. Nasci em Siracusa, onde

uma esposa soube escolher, que em mim teria achado toda a felicidade, como eu

nela, se não nos fosse adverso o duro fado. Vivíamos felizes; em aumento ia

nossa fortuna, por freqüentes e frutuosas viagens que a Epidamno costumava eu

fazer. Mas o trespasso do meu feitor, na obrigação premente me pôs de dirigir os

bens dispersos, dos braços carinhosos me arrancando de minha terna esposa. Minha

ausência não durara seis meses, quando - quase desfalecida pela doce pena da

herança feminina - ela já tinha tomado todas as medidas, para se me juntar,

havendo sã e salva chegado onde eu me achava. Muito tempo não

se passou sem que
ela se tornasse mãe de dois belos filhos, de tal modo parecidos - oh
fato
extraordinário! - que só se distinguiam pelos nomes. Na mesma
hora, na mesma
hospedaria, uma mulher do povo de igual fardo se livrou, dando à
luz dois filhos
gêmeos também mui parecidos, que por serem de gente muito
pobre eu comprei logo,
para que a servir viessem meus dois filhos. Muito orgulhosa de
seus dois
pimpolhos, falava diariamente minha esposa em voltar para casa. A
contragosto
fiz-lhe a vontade, mas, ai! muito cedo nos embarcamos. Uma légua
viajamos de
Epidamno sem que o mar, sempre aos ventos obediente, qualquer
trágico indício
nos mostrasse de nossa má ventura. Muito tempo, contudo, não
ficamos animados,
porque o pouco de luz quase apagada que o céu nos enviava, só
servia para levar
a nossas almas tímidas mensagem certa de uma morte próxima. Eu,
de mim, a
aceitara alegremente; mas as lamentações de minha esposa, que, à
só idéia do
perigo imano, chorava sem cessar, e os lastimosos gritos dos dois
meninos
amoráveis, que por moda choravam, pois não tinham consciência
do perigo, me
forçaram a procurar adiar o fim de todos, pois outra expectativa era
impossível.
Ao barco os marinheiros se acolheram, deixando-nos o casco do
navio prestes a se

afundar. Minha consorte, mais cuidadosa do último nascido, o havia atado a um mastro de reserva de que os marujos sempre andam providos, para enfrentar os temporais desfeitos. A ele um dos outros gêmeos foi atado, enquanto dos demais eu me ocupava. Dispostos desse modo os nossos filhos, eu e minha mulher, fixos os olhos em quem fixo o cuidado sempre tínhamos, nos atamos, também, nas duas pontas do alto mastro, e ao sabor, sempre, das ondas, na direção seguimos de Corinto, conforme Imaginávamos. Por último, a dardejar os raios sobre a terra, desfez o sol a névoa causadora de todo o nosso mal, deixando calmas de novo as ondas, pela ação benéfica de sua luz por que tanto anelávamos o que nos permitiu ver dois navios que para nós, com pressa, velejavam: um de Corinto, de Epídanno o outro. Mas antes de até nós eles chegarem... Oh! Nada mais direi. Deduze o resto, ante o que sabes do meu fado mesto.

DUQUE - Adiante, velho! Acaba a tua história. Despertas-nos piedade, muito embora conceder-te perdão seja impossível.

EGEU - Oh! Se os deuses assim tivessem sido, agora eu acusá-los não pudera de nos terem tratado cruelmente, pois distantes de nós não se encontravam dez léguas os dois barcos, quando fomos dar de encontro a um penedo imano e a pique, com tal força, que a nossa esperançosa nau se despedaçou, e de tal

modo se
processou nosso divórcio injusto, que a cada um de nós deixou a
Fortuna o com
que se alegrar e lastimar-se. A parte em que se achava minha espo-
sa - pobre
alma! - ao parecer com menos peso, mas com igual desdita, foi
levada com mais
velocidade pelos ventos, tendo sido eles três à nossa vista salvos
por
pescadores de Corinto, conforme então pensamos. Finalmente, a
bordo nos tomou
outro navio. Ao ficarem sabendo seus marujos a quem haviam
salvo por acaso,
deram boa acolhida aos pobres náufragos; e a presa, porventura,
aos pescadores
teriam retomado, se não fosse terem o barco de moroso curso. Por
isso, navegaram
rumo à pátria. Sabeis agora como eu fui privado de toda a minha
dita, como os
fados adversos minha vida prolongaram, para eu contar a minha
triste história.

DUQUE - Agora, pelo amor dos que lastimas, faze-me o obséquio
de contar por
miúdo tudo o que eles e tu haveis passado.

EGEU - Meu caçula, o mais velho nos cuidados, aos dezoito anos
revelou desejo de
procurar o irmão, tendo insistido junto de mim, para que seu criado
- que, como
ele, privado também fora de um irmão cujo nome ele levava - nas
investigações o
acompanhasse. Assim, porque sofria de saudades de meu filho
perdido, pus em
risco vir a perder o que ainda me restava. Cinco estios passei na

extrema

Grécia; vasculhei os confins da Ásia distante; e, ao costear, já de volta para a pátria, a Éfeso vim ter, sem esperança nenhuma, é certo, de poder achá-los, mas porque não deixasse inexplorado nenhum lugar capaz de abrigar homens. Da minha vida a história aqui termina. Na morte prematura me julgara muito feliz ainda assim, se ao cabo de tão longas viagens obtivesse a certeza de que eles ainda vivem.

DUQUE - Mísero Egeu, que destinado foste para experimentar o grau mais alto de uma vida infeliz! Mas podes crer-me: não fosse ir contra a lei, minha coroa, a própria dignidade, os juramentos - que violar nunca os príncipes se atrevem, muito embora o desejem - neste peito tua causa encontrara um advogado. Mas muito embora condenado te aches e a sentença de morte não me seja possível revocar sem grande dano para nossa honra, vou favorecer-te naquilo que puder. Por essa causa, mercador, eu te dou mais este dia para auxílio amigável angariares, que a vida te resgate. Experimenta os amigos que em Éfeso tiveres. Toma emprestado, pede esmola e vive, depois de perfazeres a quantia. Caso contrário, morrerás; é lei. Deixo-o sob tua guarda, carcereiro.

CARCEREIRO - Pois não, milorde.

EGEU - Pobre, sem esperança, Egeu só lida para o fim postergar da

triste vida.
(Saem.)

Cena II

O mercado. Entram Antífolo de Siracusa, Drômio de Siracusa e um mercador.

MERCADOR - Deveis dizer, por isso, que nascestes em Epidamno, para vos livrardes

de ficar com os bens todos confiscados. Ainda hoje, um mercador de Siracusa foi

preso, por haver desembarcado, e, porque a vida resgatar não pôde, há de, acorde

com a lei desta cidade, vir a morrer, antes que o sol no ocaso fatigado se

deite. Eis o dinheiro que em confiança me destes, ainda há pouco.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Drômio, leva-o ao Centauro, onde pousamos, e lá te deixa

estar até que eu chegue. Para o jantar ainda falta uma hora; verei, enquanto

espero, os mercadores, estudarei os usos da cidade e observarei seus belos

edifícios Depois, de volta para a hospedaria, pretendo repousar, que a longa

viagem me deixou lasso e exausto. Vai depressa.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Muita gente talvez tomasse à risca quanto dizeis e se

pusesse ao fresco carregando tesouro tão opimo.

(Sai.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - É um criado alegre, meu senhor, que muitas vezes, quando

estou cheio de cuidados e de melancolia, me dissipa todo o humor com seus ditos

prazenteiros. Ireis passear comigo na cidade, para depois jantarmos na
estalagem?

MERCADOR - Não, meu caro senhor; fui convidado por certos
mercadores, com os
quais conto realizar bons negócios. Desculpai-me. Mas às cinco
horas nos
encontraremos no mercado, se a idéia vos agrada, podendo, após,
fazer-vos
companhia até a hora de deitar. Negócio urgente me força a vos
deixar por uns
instantes.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Então até mais tarde; sem destino
vou distrair-me a ver
vossa cidade.

MERCADOR - Ao vosso bem-estar vos deixo entregue.
(Sai.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Quem ao meu bem-estar me deixa
entregue, faz entrega de
todo em todo inútil, pois é do que careço. Sou no mundo como uma
gota de água
que à procura de outra gota no oceano se encontrasse, e que, ao cair
ali, toda
desejos de achar a companheira, desaparece na busca, sem ser vista.
Assim,
comigo: para um irmão e minha mãe achar - pobre de mim! - me
perco a
procurá-los.

(Entra Drômio de Éfeso.)

Eis outra vez meu almanaque vivo. Que é que há? Por que voltaste
assim tão cedo?

DRÔMIO DE ÉFESO - Tão cedo? Perguntai por que tão tarde. O
capão já tostou; caiu

do espeto, de tanto ser virada, a bacorinha; já o relógio da torre deu doze

horas e a patroa me deu uma no rosto; quente ela está por causa da comida que

esfriou; a comida ficou fria por não terdes voltado para casa; não voltaste

porque não tendes fome; não tendes fome por comido haverdes.

Nós, porém, a

jejuar nos encontramos; por vossa culpa em penitência andamos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Detende esses pulmões, senhor:

dizei-me onde está minha

bolsa com o dinheiro.

DRÔMIO DE ÉFESO - Oh! Aqueles seis pences que me destes na última quarta-feira

com o encargo de pagar o conserto do rabicho da patroa? Ao seleiro os dei,

senhor; não costumo furtar coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não estou hoje para brincadeiras.

Deixa de lado as graças

e me dize, sem subterfúgios, onde está o dinheiro. Sendo nós estrangeiros na

cidade, como te mostras tão remisso, ousando separar-te de soma tão vultosa?

DRÔMIO DE ÉFESO - Por obséquio, senhor, deixai as graças para a hora do jantar.

Vim procurar-vos como correio, de ordem da senhora; se sem vós eu voltar, é

coisa certa meter-me na correia, que ela as vossas faltas há de gravar na minha

pele. Penso que deveríeis ter no estômago, como eu, relógio certo, para a casa

vos chamar, sem haver necessidade de nenhum mensageiro ou de recados.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Pára com isso, Drômio; essas graçolas vêm fora de propósito. Reserva-as para hora mais alegre. Onde puseste o ouro que te confiei?

DRÔMIO DE ÉFESO - A mim, senhor? Não sei de ouro nenhum que me entregásseis.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Vamos, senhor velhaco, acabai logo com essas maluquices, e dizei-me de que modo a incumbência foi cumprida.

DRÔMIO DE ÉFESO - Minha incumbência constitui apenas em vos vir procurar até o mercado e vos levar, senhor, a casa, à Fênix, para jantar. Por vós já estão à espera minha senhora e a irmã.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Ora, tão certo como eu ser batizado, me responde onde puseste a salvo o meu dinheiro; se não, te quebrarei essa cabeça jocosa, que só cuida de pilhérias, quando me acho indisposto. Dize logo: em que lugar puseste os meus mil marcos?

DRÔMIO DE ÉFESO - Marcas vossas eu tenho na cabeça; nos ombros tenho marcas da patroa; mas, reunidas, mil marcos não perfazem. Se forçado eu me visse a restituí-las a Vossa Senhoria, é bem possível que não as recebêsseis com paciência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Tua patroa? Que patroa, escravo?

DRÔMIO DE ÉFESO - A senhora de Vossa Senhoria, minha patroa da estalagem Fênix, a mesma que jejua à vossa espera, para jantar e que vos pede, instante, irdes

jantar com ela neste instante.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Como! Zombas de mim na minha frente, conquanto eu to proibisse? Então toma isto.

(Bate-lhe.)

DRÔMIO DE ÉFESO - Senhor, que pretendeis? A mão detende, por piedade! Se não, dos pés me valho.

(Sai.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Sou capaz de jurar que esse malandro foi logrado e perdeu

todo o dinheiro. Dizem que esta cidade abunda em fraudes, em escamoteadores

astuciosos, feiticeiros noturnos que os sentidos confundem das pessoas, negras

bruxas que matam a alma e o corpo informe deixam, charlatães convincentes,

disfarçados embusteiros e muitos pecadores quejandos. Se tudo isso for verdade,

não ficarei aqui. Vou ao Centauro dar outra coça nesse bandoleiro; temo que haja

perdido o meu dinheiro.

(Sai.)

ATO II

Cena I

Casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA - Nem vem o meu marido nem o escravo que eu incumbi de o procurar com pressa. Devem ser duas horas, Luciana.

LUCIANA - Talvez tenha sido ele convidado por algum mercador e, do mercado, tivesse ido jantar em qualquer parte. Mana, vamos comer; não te amofines. Da liberdade os homens são senhores; o tempo é o mestre deles; vão e vêm, conforme o tempo o ensaja. Sê paciente.

ADRIANA - Por que hão de ser mais livres do que nós?

LUCIANA - Porque fora de casa têm negócios.

ADRIANA - Se com ele desta arte eu procedesse, ficaria zangado.

LUCIANA - Não ignoras que da tua vontade é freio o esposo.

ADRIANA - Frear se deixam tão-somente os asnos.

LUCIANA - A liberdade indócil é domada pela própria desgraça. Não há nada sob a

vista do céu que não se mova num limite restrito, assim na terra como no ar e no mar. Todas as fêmeas dos animais, dos pássaros, dos peixes seguem ao macho e em tudo lhe obedecem. O homem, ser mais divino, senhor deles, dono do mundo todo, do mar vasto, que a superioridade do intelecto pós acima de pássaros e peixes, da esposa é dono e mestre. Assim, alegre, com ele em tudo concordar te cumpre.

ADRIANA - Tanta humildade condiz mais com freira.

LUCIANA - O medo é que me faz ficar solteira.

ADRIANA - Casada, talvez fosses uma harpia.

LUCIANA - A obedecer, de noiva aprenderia.

ADRIANA - Se teu esposo a outra mulher amasse?

LUCIANA - Em casa aguardaria o desenlace.

ADRIANA - Sem ser provada, a paciência dura; calma é quem vive livre de tortura.

Ao infeliz que a adversidade oprime é fácil animar num tom subli-

me; mas se igual
fardo no ombro nos pesasse, nossa calma tomara-se falace. Por não
teres marido
que te oprima é que me fazes essa pantomima; mas se chegasses a
te ver burlada,
tua paciência acabaria em nada.

LUCIANA - Hei de casar-me para ver se acerto. Eis o criado; o
patrão deve andar
perto.

(Entra Drômio de Éfeso.)

ADRIANA - Dizei se o vosso retardado mestre ao alcance da mão
por fim se
encontra.

DRÔMIO DE ÉFESO - Fui eu que fiquei ao alcance das mãos dele,
como dão
testemunho as minhas orelhas.

ADRIANA - Não lhe falaste? Não te disse, acaso, qual a sua inten-
ção?

DRÔMIO DE ÉFESO - Disse-me tudo quanto quis, mas foi muito
ao pé do ouvido.

Maldita mão! Não pude entender nada.

LUCIANA - Expressou-se por maneira tão ambígua, que não
entendeste o que ele
queria dizer?

DRÔMIO DE ÉFESO - Expressou-se por maneira tão clara, que
pude sentir
perfeitamente as pancadas, mas, apesar disso, por maneira tão
ambígua, que mal
pude compreender-lhes o alcance.

ADRIANA - Mas dize: não vem logo para casa? Não quer deixar a
esposa satisfeita?

DRÔMIO DE ÉFESO - Doido cornudo é o que ele me parece.

ADRIANA - Doido cornudo, biltre?

DRÔMIO DE ÉFESO - Cornudo por ser doido, simplesmente. Mas que está doido, é certo. Eram já horas, lhe disse, de jantar. Sua resposta foi reclamar de mim mil marcos de ouro. “Jantar!” gritei. “Meu ouro!” respondeu-me. “A carne está a queimar!” disse. “Meu Ouro!” respondeu. “Demorais ainda na rua?” lhe perguntei. “Meu ouro!” respondeu-me. “Onde estão os mil marcos, sem-vergonha, que eu te dei?” “A leitoa está no ponto de esturricar!” lhe disse. “Meu dinheiro!” me respondeu. “Minha senhora...” disse-lhe. “Que se enforque!” disse ele; “não conheço senhora alguma! O diabo que a carregue!”

LUCIANA - Quem falou isso?

DRÔMIO DE ÉFESO - Meu patrão, senhora. “Não tenho casa, esposa, nem patroa”, berrou-me ele cem vezes. Desse modo minha mensagem, que cabia à língua dizer no tempo certo, graças a ele torno a trazer nos ombros para casa, pois neles recebi tunda de mestre.

ADRIANA - Volta, maroto, e traze-o para casa.

DRÔMIO DE ÉFESO - Voltar para apanhar mais uma coça? Por Deus, mandai um outro mensageiro.

ADRIANA - Volta, malandro! Do contrário a frente te cruzo de pancada.

DRÔMIO DE ÉFESO - Ele há de novas cruces fazer por cima das primeiras. Desta arte me deixais santificado.

ADRIANA - Basta de falatório, grosseirão! Vai buscar teu senhor.

DRÔMIO DE ÉFESO - Serei, acaso, redondo assim, para me dardes ambos pancada sem parar, como se eu fosse bola de futebol? Sem mais nem menos, me aplicais pontapés. A durar isso, tereis de me mandar forrar de couro. (Sai.)

LUCIANA - Como a impaciência vos deixou mudada!

ADRIANA - A conversar ficou com a namorada, privando-me de todo o carinho. O

encanto já perdi? Feia definho? A culpa é dele só. Tenho a conversa fastidiosa,

a alma sempre em tédio imersa? Na indiferença dele se me embota toda a

vivacidade, fico idiota. Deixa-me feia, acaso, este vestido? Quem me dirige os

bens é o meu marido. Qual a minha ruína, que arruinada não fosse só por ele? Se

fanada me encontro é que ele o quis. De um simples riso dele me nasceria um

paraíso. Mas, cervo altivo, ele por longe vaga. De todo o meu amor foi essa a

paga.

LUCIANA - O ciúme te maltrata. Deixa disso.

ADRIANA - Tanto sofrer me fez perder o viço. É certo; alhures ele encontra

abrigo; se não, por que não pára ele comigo? Disse que uma cadeia me daria, bem

o sabes. Contudo, eu preferia que ele houvesse esquecido esse presente em troca

de comigo estar contente. Desta arte fiel ele ficara ao leito. Sei que as mais

belas jóias, sem defeito, com o uso o encanto perdem. O próprio ouro se

desgasta, em prejuízo do tesouro. Assim, dos homens o impoluto nome a reiterada tentativa carcome. Já que a minha beleza não lhe agrada, vou chorar tanto, até vir a ser nada.

LUCIANA - Como o ciúme maltrata esta coitada!
(Saem.)

Cena II

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - O dinheiro que a Drômio eu tinha dado se acha na hospedaria do Centauro, tendo saído o cuidadoso escravo para me procurar. Pelo meu cálculo e o que disse o hospedeiro, eu não podia ter falado com Drômio depois da hora em que nos separamos no mercado. Mas ei-lo que aí vem.

(Entra Drômio de Siracusa.)

Então, senhor, já está mais calmo vosso humor jocososo? Repeti, por favor, a

brincadeira, se gostais de pancada. A hospedaria do Centauro vos é desconhecida?

Não vos dei uma bolsa com dinheiro? Vossa patroa me quer ver em casa, para eu

jantar com ela? Então, moramos na hospedaria Fênix? Estás louco, para me

responderes desse modo?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Quando, senhor, vos respondi tal coisa?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Agora mesmo, aqui, há meia hora

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não vos falei desde a hora em que ao

Centauro me mandastes
levar vosso dinheiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Afirmaste, vilão, que eu não te
havia dado dinheiro algum
e me falaste de uma mulher e de eu jantar com ela. Mas penso que
na pele tens a
prova de quanto me alegrou essa notícia.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Fico contente por vos ver alegre. Que
quer dizer, senhor,
essa pilharia?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Ainda zombas de mim na minha
frente? Pensas que é
brincadeira? Então toma isto.
(Bate-lhe.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Parai, senhor, por Deus! A brincadeira
ficou séria demais.

Por que barganha mereci receber essas pancadas?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Porque acontece eu conversar
convosco familiarmente e,
para distrair-me, vos fazer de meu bobo, vossa audácia vos leva a
exorbitar, até
quererdes apalhaar as minhas horas sérias. Quando o sol brilha, as
moscas
dançam ledas; mas, quando some, logo elas se escondem. Para
poderdes discretear
comigo será conveniente ver-me o rosto. Assim, pelos meus olhos,
a atitude
sabereis escolher. Caso contrário, vos meterei pela cabaça o méto-
do.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Cabaça lhe chamais? Eu preferia ter
cabeça, uma vez que
deixasses de a malhar. A continuardes desse jeito, vou procurar
uma cabaça para

forrar com ela a cabeça e não ter de procurar o espírito nas espáduas. Mas, por

obséquio, senhor: por que me bateis?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não sabes a causa?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não sei nada, senhor, a não ser que estou a receber pancada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Desejas que ta revele?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Perfeitamente, senhor, e também o seu porquê, pois dizem

todos que não há causa sem porquê.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Pois foi porque te riste à minha custa. Agora vejamos o

porquê: porque de novo riste de mim, quando eu falava sério.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Quem sova igual já tomou? Coisa assim nunca mais me

aconteça, pois os porquês que aduzis são porqueiras sem pés nem cabeça.

Obrigado, senhor.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Por que obrigado?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora, senhor, por essa coisa que me destes por coisa nenhuma.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Na próxima vez me corrigirei, dando-te coisa nenhuma por

alguma coisa. Mas disse-me, senhor: já são horas de jantar?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não, senhor; a carne ainda não ficou como eu estou.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Como assim, senhor? Que é que lhe falta?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ser batida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Perfeitamente, senhor; com isso ela ficará seca.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Nesse caso, peço-vos não provar bocado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Vossas razões?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Para não ficardes colérico outra vez e não tornardes a me bater.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Então, meu senhor, aprendei a gracejar só quando houver ocasião, porque para tudo há tempo certo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Era o que eu ousaria contestar, antes de haverdes ficado tão colérico.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Em que razões vos firmais, senhor?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora, senhor, em uma razão tão reluzente como a careca reluzente do velho Tempo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Vamos ouvi-la, então.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Quem é calvo por natureza, em tempo nenhum recupera o cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não lhe seria possível conseguir isso por meio de um processo de posse absoluta?

126 DRÔMIO DE SIRACUSA - Sim, protestando pela posse de uma peruca, para ficar de posse dos cabelos de outra pessoa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Por que motivo o Tempo é tão sovina de cabelo, quando é certo que este cresce com tanta liberalidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Isso é bênção que ele reserva aos animais; o que ele nega aos homens em cabelo, dá-lhes em inteligência.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - E por esse motivo que muita gente é

dotada de mais cabelo
do que inteligência.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mas não há quem tenha inteligência
para perder o cabelo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Concluíste há pouco que as pessoas
de muito cabelo são

lorpas destituídos de espírito.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Quanto mais lorpa, mais cabelo perde;
contudo, perde sempre
com alegria.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - E a razão disso?

DRÔMIO DE SIRACUSA - São duas as razões, senhor, e ambas
de peso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - De peso é que não devem ser.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Razões seguras, pelo menos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Dize quais são elas.

DRÔMIO DE SIRACUSA - A primeira é economizar o dinheiro
que deveria gastar com o

penteador; a segunda, ficar livre de lhe cair o cabelo na sopa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Durante todo esse tempo, queríeis
provar que não há tempo

para tudo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - E consegui-o, senhor, a saber: não há
tempo para

recuperarmos o cabelo perdido pela natureza.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Mas não apresentaste razão substan-
cial do porquê de não

haver tempo de recuperá-lo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Então, corrijo em tempo: por ser calvo
o Tempo, há de ter

até ao fim do mundo seguidores calvos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Previa que a conclusão ia ser calva.

Mas, devagar: quem é

que nos está a fazer sinais dali?

(Entram Adriana e Luciana.)

ADRIANA - Sim, sim, Antífolo, o conspecto franze, lança-me olhar severo. A

outras mulheres dedica só blandícias. Tua esposa não sou; não sou Adriana. Houve

já tempo em que espontaneamente me juravas que nenhuma palavra te era música aos

ouvidos, os olhos coisa alguma te distraía, nada te causava prazer ao tacto, ao

paladar comida nenhuma te sabia, senão minha fala, e o conspecto meu, o meu

contacto, e o assado que por minha mão te dava. Que aconteceu, querido esposo,

para que estranho, assim, ficasses de ti mesmo? Sim, de ti mesmo, disse, pois te

encontras afastado de mim, que inseparável sendo de ti, me considero ainda

melhor que a melhor parte de ti mesmo. Pois sabe, meu amor: fora mais fácil no

mar deitares uma gota de água para, intacta, depois a recolheres, sem adição

nenhuma ou qualquer perda, do que sem mim de mim te retirares. Como ficaras no

âmago ferido se, quando nada, alguém fosse contar-te que eu era licenciosa e que

este corpo a ti, só, consagrado, ora poluído pela bestial luxúria se encontrava?

Em tua indignação, não me cuspiras, aos pés não me calcaras, nestas faces não

jogaras o nome de marido, não me rasgaras a manchada cute da fronte infiel, e

desta mão perjura a aliança nupcial não arrancaras, com a maldição

quebrando-a
do divórcio? Sei que o farias. Pois então não tardes: a mancha do
adultério em
mim se alastra; trago no sangue o crime da luxúria, pois se ambos
somos um, e
prevaricas, na carne trago todo o teu veneno, por teu contágio me
tornando
impura. Ao nosso leito, pois, sê infiel aliado; só assim serei pura e
tu
honrado.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Falais comigo, mui graciosa dama?
Não vos conheço, pois
há duas horas que a Éfeso cheguei, tão estrangeiro à cidade como a
isso que
dissestes. Sou de espírito parco de recursos para entender sequer
vossos
discursos.

LUCIANA - Ora, irmão! Pode o mundo mudar tanto? Quando a
mana trataste desse
modo? Ela mandara te chamar por Drômio...

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Por Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Por mim?

ADRIANA - Por ti... E esta resposta me trouxeste: que ele te
esbofeteara e, com
seus golpes, dissera não ser dele a minha casa e que eu consorte sua
jamais
fora.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Conversaste, senhor, com esta
senhora? Qual a intenção de
toda esta conjura?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Eu, senhor? Nunca a vi até este instan-
te.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Mentas, vilão! Que há pouco, no

mercado, me transmitiste
esse recado mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Eu nunca lhe falei em toda a vida.

ANTÍFOLOO DE SIRACUSA - Como sabe ela, então o nosso
nome? Só se é inspiração.

ADRIANA - Como desdiz de tanta gravidade desta arte conchavar
com vosso escravo

e espicará-lo a me fazer pirraças! Seja embora eu culpada de tudo
isso, não me

façais assim tão mau serviço, aumentando com vossa zombaria a
imensa dor que a

vida me abrevia. De vós não mais me afastarei... Oh! Ride! Sois o
olmo, meu

marido; eu, vossa vide, cuja fraqueza à vossa força aliada em rijeza
tran.sforma-se acendrada. Entre nós não há linha divisória, se não
for,

tão-somente, a vil escória da turba parasita: erva daninha, musgo e
o mais que

no tronco cresce asinha, e que, por falta de desbaste e corte, te
causa confusão

e te dá morte.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Fala comigo; sinto-me abalado...

Em sonhos, pois,

tê-la-ia desposado? Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto,
julgando ver o que

jamais hei visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão
com mais

firmeza. Ou durmo, ainda, e penso ouvir tudo isto, julgando ver o
que jamais hei

visto? Enquanto certa for esta incerteza, deterei a ilusão com mais
firmeza.

LUCIANA - Drômio, vai pôr a mesa com os criados.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ó Deus do céu, perdoai os meus

pecados! Estamos num país de fadas lindas, de elfos, corujas, de ilusões infindas. Façamos-lhe a vontade; do

contrário, nos chupa o sangue espírito nefário.

LUCIANA - Por que não andas, peste? Vamos, Drômio; não me mudes a casa em manicômio.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Fui transformado, mestre? Eu não sou eu?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Foste, sim; eu também já não sou eu.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não valho, como gente, um só pataco.

ANTÍPOLO DE SIRACUSA - A forma ainda conservas.

DRÔMIO DE SIRACUSA - De macaco.

LUÇIANA - Se em algo te mudaste, foi em burro.

DRÔMIO DE SIRACUSA - É certo; ela me dá capim e eu zurro. Se habituado eu não

fosse a levar sela, saberia também o nome dela.

ADRIANA - Basta! Basta! Não mais hei de portar-me como uma tola, que a mão leva aos olhos

para chorar, enquanto o amo e o criado de minha dor se riem. Já está pronto,

senhor, nosso jantar. Drômio, de guarda ficarás no portão. Hoje, marido,

jantaremos em cima; hei de obrigar-vos a me contar as vossas peraltices. Ouve,

malandro: caso alguém procure teu patrão, dize que ele jantou fora. Veda a todos

a entrada. Mana, vamos. Drômio, tu ficarás como porteiro.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA (à parte) - Isto é céu, terra, ou inferno verdadeiro? Durmo

ou velo? Sou louco ou tenho juízo? Meu nome ela repete com um

sorriso. Pouco

importa; vejamos se isto dura; com ela embarcarei nesta aventura.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, é força que eu faça de porteiro?

ADRIANA - Se queres conservar o coco inteiro.

LUCIANA - Vamos, Antífolo; o jantar primeiro.

(Saem.)

ATO III

Cena I

Diante da casa de Antífolo de Éfeso. Entram Antífolo de Éfeso, Drômio de Éfeso.

Ângelo e Baltasar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Desculpai-me, meu caro senhor Ângelo, mas minha esposa fica

atrabiliária, quando fora de casa eu me demoro. Dizei-lhe que ficamos distraídos

na oficina, a admirar vossa perícia. na confecção de sua gargantilha, que amanhã

lhe trareis sem falta à casa. Ora vede, afirmou-me este malandro que me havia

encontrado no mercado, que lhe bati e reclamara, instante, mil marcos de ouro;

enfim, que renegara minha esposa e meu lar. Então, borracho, que pretendias ao

dizer aquilo?

DRÔMIO DE ÉFESO - Dizei, senhor, embora o que vos agradar, mas os sinais da sova

eu poderei mostrar. Fosse eu de pergaminho e vossa mão de tinta, leríeis vossa

firma em letra mui distinta e poderíeis ver o que de vós eu penso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Penso que sois um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO - Aliás mostrais bom senso, que outra coisa não é quem, por

causa de nada, agüenta o dia todo impropério e pancada. Mas se asno puro eu sou,

convém terdes cuidado, porque não vos alcance um coice delicado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Triste me pareceis, meu caro Baltasar; mas ficareis alegre à

mesa do jantar.

BALTASAR - Com tanta gentileza, é que eu posso esperar.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Peixe e carnes, amigos, esplendem mais à mesa; muita

conversa é indício, às vezes, de avareza.

BALTASAR - Banal coisa é comida; a boa prosa é rara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Mas uma mesa escassa a boca torna amara.

BALTASAR - A gentileza à mesa é hóspede eloqüente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Quando avaro é o hospedeiro e o convidado doente. No

entanto, se primor não for minha comida, ao menos com prazer vos será oferecida.

A porta está fechada? Abri-la manda asinha.

DRÔMIO DE ÉFESO - Brígida, Madalena, Bárbara, Joanhina!

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Cretino, idiota, alarve, estúpido, demente! Vai-te

embora, ou, calado, senta-te ao batente. Por que chamar um bando, assim, de

servas tontas, quando uma já é demais? Pensas que me amedrontas?

DRÔMIO DE ÉFESO - Quem é que em nossa casa ora faz de porteiro? Ficar aqui não

pode o mestre o dia inteiro.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Ora, que vá pescar! Deixe de

cretinismo; se não,

com o frio os pés apanham reumatismo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Abre logo! Ou uma tunda esperas que eu te dê?

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Abrir, caro senhor? Falta saber por quê.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Por quê? Para jantar. De fome estou varado.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Então ide a outra parte; aqui já houve assado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Quem és, que assim me pões de minha casa fora?

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Drômio, caro senhor, gentil porteiro agora.

DRÔMIO DE ÉFESO - Roubaste-me, vilão, o ofício e o próprio nome. Aquele me valeu

estar morrendo à fome; o outro me rende mais: pancada e insultos a esmo. Mas se

tivesse sido, há pouco, Drômio mesmo, por outro nome o teu terias já trocado e

desejaras ser mero asno do mercado.

LÚCIA (dentro) - Drômio, que barulheira é essa no portão? Quem bate assim?

DRÔMIO DE ÉFESO - É o mestre, Lúcia; abres ou não?

LUCIA (dentro) - Chegou tarde demais. Vai; dize ao patrão isso.

DRÔMIO DE ÉFESO - Só rindo muito, oh Deus! De tanto rebuliço. Mas conheceis,

acaso, um dito muito certo, de que uma boa sova, às vezes...

LUCIA (dentro) - Oh! decerto! faz esquecer a fome a quem não vê comida.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Se tu te chamas Lúcia, ó Lúcia, és bem sabida!

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Pequena, não me ouviste? Aqui fala o

patrão.

LÚCIA (dentro) - Já vos perguntei isso.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - E vós dissestes “não”.

DRÔMIO DE ÉFESO - Boa resposta, agora; estamos mão por mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Vamos, idiota, abri!

LÚCIA (dentro) - Pois não, caro senhor; mas primeiro contai-me a causa desse ardor.

DRÔMIO DE ÉFESO - Mestre, arrombai a porta.

LÚCIA (dentro) - Assim; malhai de rijo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Deixa, que, após abri-la, a prosa eu te corrijo.

LÚCIA (dentro) - Se eu chamar pela guarda, ireis todos de embrulho.

ADRIANA (dentro) - Drômio, que significa à porta esse barulho?

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Que posso eu vos dizer? Mas estranhar não há de

quem tiver visto o que eu já vi nesta cidade.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Esposa, quero ver-te; a fome não me importa.

ADRIANA (dentro) - Tua esposa, tratante? Afasta-te da porta.

DRÔMIO DE ÉFESO - Esse “tratante”, mestre, a honra vos deixa torta.

ÂNGELO - Não acharemos cá nem prosa nem comida.

BALTASAR - E nós a discutir qual fosse a preferida!

DRÔMIO DE ÉFESO - Mandai-os, mestre, entrar, que a fome é desabrida.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Há qualquer coisa no ar que nos impede a entrada.

DRÔMIO DE ÉFESO - Com essa capa, mestre, o frio é quase nada. Nós gememos cá

fora, enquanto na lareira, lá dentro, o fogo estrala: é bela a brinca-

deira.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Vou arrombar a porta e a todos dar o troco.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Vinde, que eu vos prometo abrir em dois o coco.

DRÔMIO DE ÉFESO - Fácil é prometer; mas com facilidade não se transforma em ato um soco de verdade.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Vejo que de apanhar tu tens muita vontade.

DRÔMIO DE ÉFESO - Vamos, deixa-me entrar; quero ir até à cozinha.

DRÔMIO DE SIRACUSA (dentro) - Pois não, caro senhor; mas só quando a galinha penas já não tiver e o peixe reluzente puder no mar viver sem guelras e contente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Vou arrombar a porta; arranja uma alavanca.

DRÔMIO DE ÉFESO - Uma alavanca, mestre? Agora, sim, a tranca no gajo vai saltar

e, como o seu peixinho sem guelras, ele passa a bocejar sozinho.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - A alavanca! Depressa! Há muita urgência!

BALTASAR - Em tudo; amigo, é de mister paciência. Com isso fazeis guerra à vossa

própria reputação, chamando para dentro do âmbito da malícia a honra impoluta de

vossa digna esposa. A comprovada prudência que lhe é própria, a alta virtude, os

anos, a modéstia, valer fazem a seu favor alguma causa oculta para tal proceder,

a qual vos foge. Não o duvideis, senhor, mas é certeza que ela vai

desculpar-se,
revelando-vos o motivo de estar fechada a porta. Deixai que eu vos
oriente neste
passo. Retirai-vos paciente; vamos todos jantar no Tigre, e quando
já for noite,
sozinho voltareis para saberdes a razão desta insólita recusa. Se vos
dispondes
a empregar violência numa ocasião de tanto movimento, hão de
surgir, por certo,
comentários que, pela turba ignara propalados, a despeito do vosso
nome limpo,
acolhida acharão por toda parte, até mesmo na vossa sepultura,
quando já não
viverdes. Que a calúnia, como bens transmitidos por herança,
sempre cresce onde
venha a encontrar ansa.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Tendes razão; vou retirar-me quieto e,
embora a contragosto,
hei de esforçar-me por parecer alegre. Ora me lembro de uma
donzela de agradável
prosa, bonita, espirituosa, algo estouvada, mas, no fundo, gentil.
Por causa
dessa criatura minha esposa - sem motivos para isso, vos afirmo -
muitas vezes
tem feito cenas de ciúme incríveis. Vamos jantar com ela. (A Ân-
gelo.) Ide a
cadeia buscar em vossa casa, pois já deve estar pronta, e levai-a ao
Porco-espinho que é onde mora a mulher de que vos disse. Vou dar-
lhe essa
cadeia, mas que seja só para minha esposa ficar fula. Nossa hospeda-
ria ganhará o
presente. Ide, senhor; não percais tempo: há urgência. Já que meu
lar se me

tornou inimigo, verei se alhures bem-estar consigo.

ÂNGELO - Pretendo lá chegar dentro de uma hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Vai ficar cara a brincadeira... Embora!
(Saem.)

Cena II

O mesmo. Entram Luciana e Antífolo de Siracusa.

LUCIANA - Como se dá que te hajas esquecido dos deveres de esposo? Que a sincera

floração de um amor tão belo e fido tenha fanado em plena primavera? Na

construção, o amor só faz ruínas?

Se desposaste minha irmã somente pela sua riqueza e ora a abominas, sê, ao

menos, com ela mais clemente. Se amas alhures, usa de cautela; esconde o falso

amor num manto escuro; não faças desses olhos a janela por onde ela entreveja o

seu futuro. Arauto da desonra não consintas que tua língua se torne; a

deslealdade se mascara com frases indistintas que o sentimento revelar não há

de. Sê de olhar meigo; ao vício dá aparência de álaçre mensageiro da virtude;

guarda em todos os atos conveniência, embora abrigues no imo o crime rude.

Ensina a santidade ao vício imundo; sê perjuro em segredo. Por que dares de ti

conhecimento a todo o mundo? Que malfeitor assume os próprios ares? Duplamente a

ofendeste, quando, à mesa, mostraste que traidor foste ao seu leito; bastarda

fama alcaçará a vileza, se de fraseado se valer com jeito. Pobres mulheres!

Dai-nos a ilusão de que somos realmente idolatradas; deixai a luva e retirai a

mão, que inda vos perdoarão essas coitadas. Voltai, por isso, mano, sem demora;

ide falar com a mana e consolá-la, que um halo santo a insensatez decora, quando

promove paz fingida fala.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Suave senhora, ignoro vosso nome, nem sei por que

prodígio o meu soubestes, a não ser que à beleza se vos some algo de espírito e

poder celestes. Ensinai-me a pensar, doce criatura; mostrai à minha inata

grosseria, fraca, propensa a errar, de essência impura, da vossa meiga voz toda

a magia. Por que lutais contra minha alma ingênua, levando-a por caminho não

trilhado? Sois deusa? Desejais que de alma estrênuia, depois de eu renascer,

fique dotado? Então me transformai, que ao vosso encanto nada terei a opor. Mas,

se é verdade que eu sou eu mesmo, o irreprimível pranto de vossa bela irmã fazer

não há de que eu me convença de que sou casado nem de que ao leito dela fui

perjuro. A vós é que me sinto agrilhado; a vós, tão-só, me prende o amor mais

puro. Oh! não me arrastes, divinal sereia, com tua voz a perecer nas ondas que

tua irmã provoca. A mágoa alheia não deve preocupar-nos. Não te escondas de

minha vista; deixa que o teu canto pleiteie a tua causa; a coma de ouro sobre as ondas espalha, porque o espanto me leve a cobiçar esse tesouro. E nesse leito, assim, acalentado pela ilusão, encontrarei a morte, sem maldizer, contudo, do

meu fado: que morra o leve amor, se não tem sorte.

LUCIANA - Que espécie de loucura vos domina?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não é loucura; é a minha triste sina.

LUCIANA - De vossos olhos nasce a causa disso.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Por perto estardes, sol: eis o feitiço.

LUCIANA - Contemplai minha irmã desventurada.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Olhar a noite, amor, é não ver nada.

LUCIANA - Não me chames de amor; sim minha mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - A irmã da mana.

LUCIANA - A mana.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Ó desumana! És tu mesma, de mim a melhor parte, que dos

meus olhos a visão reparte, o coração mais caro deste peito, minha sorte, meu

único direito de entrar no céu, o céu de minha vida, quanto almeja minha alma, de atrevida.

LUCIANA - Dize isso tudo a minha irmã, somente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Sê, pois, tua própria irmã, que, eternamente, terás aos

pés meu coração rendido; mulher não tenho; tu não tens marido. Dá-me a mão.

LUCIANA - Acalmai-vos um momento; vou da mana buscar o assentimento.

(Sai.)

(Entra Drômio de Siracusa, apressado.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Que é que há, Drômio? Aonde vais

com tanta pressa?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Reconheceis-me, senhor? Sou

Drômio, realmente? Sou vosso

criado? Eu sou eu mesmo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Sim, és Drômio, és meu criado, és tu mesmo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Pois eu sou um asno, sou criado de uma mulher e não estou

em mim mesmo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Que mulher, homem? E de que modo não estás em ti mesmo?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora essa, não estou em mim mesmo, por pertencer a uma mulher, uma mulher que me reclama, uma mulher que me persegue, uma mulher que me quer para si.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - E que direito ela se arroga, para te reclamar como dela?

DRÔMIO DE SIRACUSA - O direito que poderíeis ter sobre o vosso cavalo. Como besta legítima é que ela me quer, isto é, não por eu ser besta, de fato, mas por ser ela uma criatura bestial.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Quem é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Um corpo respeitável; sim, um desses corpos a que não nos podemos referir sem acrescentarmos: salvo o vosso respeito. Tive sorte muito magra nesse enlace, apesar de se tratar de um casamento extraordinariamente gordo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Que entendes por casamento gordo?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora, senhor, é porque se trata de uma

cozinheira que é só
enxúndia. Não sei de que modo utilizá-la, se não for aproveitá-la
como lâmpada
para fugir dela, valendo-se de sua própria luz. Posso-vos afiançar
que a sua
rodilha ensebada poderia arder durante um inverno da Polônia. Se
ela viver até o
dia do Juízo final, há de arder uma semana mais do que o mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - De que cor é ela?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Negra como estes sapatos, mas de
rosto não tão limpo, e
isso por suar tanto, que poderíamos patinhar com lama acima dos
sapatos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - É defeito que se corrige com água.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Impossível, senhor; isso faz parte
dela; nem todo o dilúvio
de Noé chegaria para limpá-la.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Como se chama?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Vera, senhor; mas seu nome e três
quartas, isto é, uma vara
e três quartas não a alcançariam de uma a outra anca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Então é larga de verdade!

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não mede mais dos pés à cabeça do
que de uma a outra
cadeira; é esférica; parece um globo terrestre; eu seria capaz de
encontrar nela

todos os países do mundo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Em que parte do seu corpo se
encontra a Escócia?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Descobri-a pela esterilidade: fica na
palma das mãos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Onde fica a França?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Na frente, senhor, armada e em revol-

ta, a guerrear os
próprios cabelos.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Onde fica a Inglaterra?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Procurei as escarpas calcárias, mas
não encontrei nada

branco. No entanto, presumo que fique no queixo, pela umidade
salgada que corre
entre ela e a França.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Onde fica a Espanha?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Por minha fé, não a vi; mas a senti
pelo calor do hálito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - E a América? E as Índias?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Oh, senhor! No nariz, inteiramente
coberta de rubis,

carbúnculos, safiras, inclinando a rica aparência para o hálito
abrasador da

Espanha, que envia armadas sucessivas de galeões para tomarem
carga no nariz.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - E a Bélgica e os Países-Baixos,
onde ficam?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Oh, senhor! Não olhei tão para baixo,
assim. Em suma, para

concluirmos: esse pesadelo, essa feiticeira alegou direitos sobre a
minha

pessoa; chamou-me de Drômio, jurou que eu era seu noivo, enume-
rou sinais

secretos que tenho no corpo, tal como certa mancha numa das
espáduas, um sinal

no pescoço, uma grande verruga no braço esquerdo, a ponto de eu
fugir dela,

tomado de espanto, como quem foge de uma cigana. Se eu careces-
se de fé, sem

possuir coração resistente, ora cachorro seria, ou copeiro da bruxa

potente.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não percas tempo; vai direito ao porto. Se houver, acaso, vento favorável, não passarei a noite na cidade. Se achares algum barco quase pronto para sair, volta depressa; eu fico no mercado, passeando, à tua espera.

Se todos nos conhecem, e eu ninguém, demorar na cidade não convém.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Como quem de urso foge e até da Morte, fujo eu de quem me quer para consorte.

(Sai.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Neste lugar só moram feiticeiras; é tempo de tratar de sair dele.

Aquela que me chama de marido não a aceita minha alma como esposa. Mas sua bela irmã possui tal graça, tão soberano olhar, fala aprazível, presença encantadora, que, por pouco fiquei traidor de minha própria causa.

Antes de cometer ação tão feia, ficarei surdo ao canto da sereia.

(Entra Ângelo.)

ÂNGELO - Mestre Antífolo!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Pronto; assim me chamo

ÂNGELO - Sei disso, meu senhor. Eis a cadeia. Pensei em vos achar no

Porco-espinho; só demorei para acabar a obra.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Que desejais que eu faça desse mimo?

ÂNGELO - O que quiserdes; para vós foi feito.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Para mim? Sem o ter encomendado?

ÂNGELO - Não uma vez, nem duas, mas duzentas. Fazei dela presente a vossa esposa; ao jantar vos farei uma visita, para que me pagueis o meu trabalho.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Então recebei logo o que vos devo, que é possível não

mais pordes os olhos em cima da cadeia e do dinheiro.

ÂNGELO - Sois muito espirituoso; passai bem.

(Sai, deixando a cadeia.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não sei o que pensar disto, também.

Mas uma coisa é

certa: ninguém há de recusar um tal mimo por vontade. Pelo que vejo, aqui, e

aqui somente, em plena rua ganha-se presente. Vou esperar por Drômio no mercado;

havendo barco, fujo de bom grado.

(Sai.)

ATO IV

Cena I

Uma praça pública. Entram o segundo mercador, Ângelo e um oficial de justiça.

MERCADOR - Desde o passado Pentecoste a conta me ficaste devendo, sem que a

afronta de vos cobrar té agora eu vos fizesse; nem a faria ainda, se não fosse

ter de ir à Pérsia e estar necessitado de florins para a viagem. Por tudo isso,

dai-me satisfação; caso contrário, este oficial tem ordem de prender-vos.

ÂNGELO - Antífolo me deve justamente a soma que eu vos devo
Neste instante
deixei com ele uma cadeia de ouro, cujo importe às cinco horas
será pago. Se a
bondade tiverdes de ir comigo até sua casa, saldarei a dívida e me
confessarei
muito obrigado.

(Vindo da casa da Cortesã, entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.)

OFICIAL - Poupei-vos do trabalho; ei-lo que chega.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Enquanto o ourives eu procuro, trata de
comprar uma corda,
cujas pontas destino a minha esposa e seus comparsas, por me
terem vedado, em
pleno dia, a entrada em minha casa. Não demores; compra a corda
depressa e
leva-a a casa.

DRÔMIO DE ÉFESO - Comprarei uma renda de mil libras! Vou
comprar logo a corda.

(Sai.)

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Bem aviado ficará quem em vós tiver
confiança. Dissestes que
a cadela levaríeis, mas visita nenhuma me fizestes. Certamente não
foste, por
pensar que o nosso amor seria mais durável nos liames da cadeia; e,
assim,
faltastes.

ÂNGELO - Pondo de parte o vosso humor jocoso, eis a nota do
peso da cadeia, té o
último quilate. A qualidade do ouro e a mão de obra dispendiosa,
soma perfazem
superior de três ducados à que eu devo a este amável cavalheiro.
Por isso vos

suplico lhe pagardes, pois precisa viajar, só estando, agora, a aguardar que eu a dívida liquide.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não tenho aqui dinheiro suficiente para essa conta. Além do mais, preciso fazer alguns negócios na cidade. Ide, meu bom senhor, com este estrangeiro, à minha residência, sem deixardes de levar a cadeia. Minha esposa vos pagará a soma combinada. É bem possível que cheguemos juntos.

ÂNGELO - Então vós mesmo levareis o mimo?

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não; levai-o vós mesmos; estou com pressa.

ÂNGELO - Muito bem; a cadeia está convosco?

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Uma vez que comigo não se encontra, convosco está, decerto.

Do contrário, força será voltardes sem dinheiro.

ÂNGELO - Por obséquio, senhor, dai-me a cadeia, pois este cavaleiro está com pressa, que os ventos e a maré têm prazo certo. Para minha vergonha, já o retive mais do que fora justo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Ora, senhor, lançais mão desse plano, como escusa por haverdes faltado com a palavra de irdes ao Porco-espinho. A mim cabia censurar-vos a falta; ao invés disso, deblaterais como mulher furiosa.

MERCADOR - Senhor, as horas passam; vamos logo.

ÂNGELO - Bem vedes como agora ele se esquivava. A cadeia...

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Levai-a à minha esposa; ela vos pagará.

ÂNGELO - Vamos com isso; sabeis que eu vo-la dei faz pouco

tempo. Dai-me um sinal qualquer, ou devolvei-a.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Ora, a pilharia passa dos limites. A cadeia, senhor!

Deixai-me vê-la.

MERCADOR - Não tenho tempo para tais parlendas. Dizei-me, bom senhor, vosso propósito: pagais ou não? No caso de recusa, farei que este oficial o leve preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Eu pagar-vos? Dizei: quanto vos devo?

ÂNGELO - O preço, justamente, da cadeia.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Nada vos devo, enquanto não for minha.

ÂNGELO - Sabeis que vo-la dei há meia hora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - A mim não destes nada; isso me ofende.

ÂNGELO - Mais me ofendeis, senhor, negando o fato. Considerai que nisso empenho o crédito.

MERCADOR - Muito bem. Oficial, por queixa minha, predeei-o sem demora.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Agora mesmo. Em nome, pois, do duque, obedecei-me.

ÂNGELO - Minha reputação sofre com isso. Ou me pagais o preço da cadeia, ou vos farei prender in continenti.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Consentir em pagar o que não devo? Manda prender-me, estúpido, se o ousares.

ÂNGELO - Oficial, eis o vosso emolumento; predeei-o a meu pedido. Em circunstâncias como esta, ao próprio irmão eu não poupara, se tentasse ofender-me assim de público.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Estais preso, senhor; a queixa ouvistes.
ANTÍFOLO DE ÉFESO - Sim, obedeço até pagar a fiança. Mas,
por Deus, pagareis a
brincadeira com quanto ouro tiverdes na oficina.

ÂNGELO - Ora, senhor, hei de achar leis em Éfeso, não o duvido,
para vosso
opróbrio.

(Entra Drômio de Siracusa.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, há no porto um barco de
Epidamno, que aguarda
tão-somente o proprietário para partir. Já pus a bordo toda nossa
bagagem.

Comprei óleo, bálsamo e aqua-vitae. De jeito está o navio; sopra
fresco de terra
o alegre vento. Só a vós e ao dono, mestre, eles aguardam.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Que é isso? Estás maluco? Que navio de
Epidamno por mim está
esperando?

DRÔMIO DE SIRACUSA - O navio, senhor, que me incumbistes
de procurar para
comprar passagem.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Bêbedo, o que eu mandei foi que com-
prasses uma corda e te
disse para o que era.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Corda? Nenhuma corda me pedistes.
O que mandastes foi que
eu visse um barco.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Com mais vagar resolverei o assunto e
ensinarei a ouvires o
que deves. Procura Adriana, biltre, sem demora; dá-lhe esta chave;
dize-lhe que
dentro da gaveta da mesa recoberta pelo tapete turco bá uma bolsa
cheia de

moedas de ouro. Que ma envie por ti, depressa. Conta-lhe que me acho detido em plena rua e que preciso pagar uma caução. Não te demores; detido esperarei tempos melhores.

(Saem o mercador, Ângelo e o oficial de justiça.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Essa Adriana é da casa em que jantamos e onde a tal Dosabel me reclamava para marido. Mas é muito grande, penso, para cingila nestes braços. Contudo, irei, embora a contragosto; servo é soldado que não larga o posto.
(Sai)

Cena II

Um quarto em casa de Antífolo de Éfeso. Entram Adriana e Luciana.

ADRIANA - Ah, Luciana, ele teve esse descoco? Lia-se-lhe no olhar que era sincero?

Estava são? Não parecia louco? No que disseste acreditar não quero. Refletia no rosto a luta, acaso, dos meteoros do peito em campo raso?

LUCIANA - Primeiro asseverou não ser casado.

ADRIANA - Mais, com isso, ele aumenta o meu cuidado.

LUCIANA - Depois jurou que aqui era estrangeiro.

ADRIANA - Perjuro agora, como o foi primeiro.

LUCIANA - Depois, falei de vós.

ADRIANA - E ele, que disse?

LUCIANA - Que a mim, só, amava; o mais era tolice.

ADRIANA - De que modo falava esse demente?

LUCIANA - Se fosse honroso o pleito, convincente. Elogiou-me a beleza; após, a fala.

ADRIANA - E tu, que lhe disseste? Vamos; fala.

LUCIANA - Calma, te peço; é de mister paciência.

ADRIANA - Calma não posso ter nesta premência. Se não do peito, ao menos hei de o gosto fazer da língua. Antífolo é mal posto, feio, velho, corcunda, deformado, de feições horrorosas, rosto inchado, viciado, bruto, de maldade infinda, de corpo horrendo e mente pior ainda.

LUCIANA - Quem ciúmes pode ter de tal marido? Ninguém um mal lastima, se perdido.

ADRIANA - Não é assim que o descreve o meu carinho. Se outros olhos o vissem desse jeito! O abibe chora, quando perde o ninho. A língua o insulta, mas o adora o peito.

(Entra Drômio de Siracusa.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Vamos! Depressa! A bolsa da gaveta!

LUCIANA - Par que corres assim?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não sou perneta.

ADRIANA - Onde está teu patrão, Drômio? Não vem? Par que demora tanto? Ele está bem?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Sim, no limbo do Tártaro, no Averno; muito pior ali do que no inferno. Um demônio de vestes permanentes pôs sobre ele a mãozinha, um desses homens de peito duro abotoado de aço. Um duende, um lobo, um monstro de

esconjuro, um sujeito envolvido em couro duro, enredador, traiçoeiro-mor,
pisa-mansinho, que aos homens veda a praça, as ruas e o caminho,
que parece
perder o rasto a toda gente, mas nas chamas do inferno os lança eternamente.

ADRIANA - Mas, afinal, que há?

DRÔMIO DE SIRACUSA - O que há, não sei dizer; sei que ele está na grade.

ADRIANA - Como! Está preso? À intimação de quem?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não sei que intimação o pôs em tal agrura; só sei que o intimador tem farda muito dura. Urge que lhe mandeis a bolsa da gaveta.

ADRIANA - Vai buscá-la.

(Sai Luciana.)

Não sei que pensar disso. Tinha dívidas e eu sem saber nada. Conta o resto: foi posto na cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA - É isso, uma cadeia; de aparência mais aprazível, mas cadeia, em suma. Não ouvistes soar?

ADRIANA - Quê? A cadeia?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Cadeia, não; o sino! É tempo de ir-me embora; às duas o deixei; ouvi bater uma hora.

ADRIANA - Para trás anda o tempo. Oh coisa singular!

DRÔMIO DE SIRACUSA - Se a hora encontra um sargento, o medo a faz recuar.

ADRIANA - Tem dívidas o tempo! Oh, como falas certo!

DRÔMIO DE SIRACUSA - O tempo está falido, a ruína já anda perto. E mais: é um

bom gatuno, à espreita e de vigia; manso se escoia à noite e devagar

de dia. Se o
sargento o persegue e os bens tem em penhora, que muito que se
atrasa em cada
dia uma hora?
(Volta Luciana.)

ADRIANA - Eis o dinheiro, Drômio; vai depressa e traze o teu
senhor já para
casa. De um pensamento, irmã, estou possessa, que ora me deixa
fria, ora me
abrasa.
(Saem.)

Cena III

Uma praça pública. Entra Antífolo de Siracusa.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não encontro ninguém nesta cidade
que não me cumprimente
como a velho conhecido. Meu nome todos sabem. Uns, dinheiro de
empréstimo
oferecem; outros me invitam para cearmos juntos; muitos se mos-
tram gratos por
finezas que eu lhes houvesse feito; outros insistem porque lhes
compre as mais
variadas coisas. Em sua loja, há pouco, um alfaiate me fez entrar,
para
mostrar-me sedas que para mim comprara e, sem delongas, tomou
minhas medidas.
Com certeza tudo isso é fantasia; aqui residem, decerto, os feitiçei-
ros da
Lapônia.

(Entra Drômio de Siracusa.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Eis o dinheiro, mestre, que pedistes.
Mas, como

conseguistes ver-vos livre do retrato do velho Adão de farda?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Dinheiro que eu pedi? Que Adão é esse?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não me refiro ao Adão que guardava o paraíso, mas ao Adão que é guarda da cadeia, o que se veste com a pele do bezerro matado para o filho

pródigo, o que marchava por trás de vós, senhor, como anjo do mal e vos intimou a abandonar a liberdade.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não te compreendo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não? Pois é muito simples: refiro-me ao sujeito que anda

como um rabeção, numa caixa de couro; o indivíduo, senhor, que dá empurrões nos

cavalheiros fatigados e os obriga a repousar; o mesmo que se apiada das pessoas

arruinadas e lhes arranja um fato indesfiável; é o tal, em suma, que se gaba de

fazer mais piruetas com a sua clava do que os dançarinos com a lança mouresca.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Como assim? Referes-te a algum oficial de justiça?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Perfeitamente, senhor, ao sargento dos títulos, o mesmo que

chama responsabilidade as pessoas que não pagam as suas obrigações e que diz a

toda a gente: “Deus vos dê bom repouso”, como se todo o mundo estivesse no ponto

de ir para a cama.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Muito bem, senhor; ponde remate a essas tolices. Nenhum

navio zarpará esta noite? Saímos ou não desta cidade?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Como não, senhor! Há uma hora vos disse que o barco

“Velocidade” partirá esta noite, justamente quando o sargento vos deteve e vos

obrigou a aguardar a chalupa “Retardo”. Aqui estão os anjos que me mandastes

buscar, para que vos livrassem.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Este velhaco está louco de todo, tal como eu. É ilusão

tudo o que vemos. Daqui nos tire algum poder celeste!

(Entra zona cortesã.) CORTESÃ - Mestre Antífolo, salve! Vejo agora que

encontrastes o ourives, finalmente. É essa a cadeia que me prometestes?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Retira-te, Satã! Não me persigas.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, essa é a senhora Satã?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - É o diabo.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Não, é pior do que isso: é a avó do diabo, que nos aparece

sob a forma de uma meretriz leve; de aí o costume de dizerem as meretrizes:

“Deus me dane!” que é como se dissessem: “Deus faça de mim uma donzela leviana!”

Está escrito que elas aparecem aos homens como anjos leves de luz.

Ora, a luz é

uma conseqüência do fogo, e o fogo queima. Logo, as donzelas levianas queimam.

Não vos aproximeis dela.

CORTESÃ - Vosso criado, senhor, e vós estais hoje muito espirituosos. Não

quereis vir comigo? Poderemos comprar aqui perto alguma coisa para cearmos.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, se fordes ceiar e houver proba-

bilidade de tomardes

sopa, muni-vos de uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Por que, Drômio?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora, porque quem come com o diabo precisa ter uma colher comprida.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Demônio, para trás! Por que o convite para cearmos? Como as outras todas, és uma bruxa. Assim, eu te conjuro a me deixares e ires daqui logo.

CORTESÃ - Dai-me o anel que ao jantar me arrebatastes, ou, em troca, a cadeia prometida, que eu sairei, senhor, sem molestar-vos.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Às vezes o demônio pede apenas as aparas das unhas, um

cabelo, uma gota de sangue, uma pevide de cereja, uma noz, um quase nada. Esta,

porém, mais ambiciosa, pede somente uma cadeia... Cuidado, mestre! Se lhe derdes

isso, sacudindo as correntes, o demônio sem demora virá meter-nos medo.

CORTESÃ - Senhor, o anel, ou então dai-me a cadeia. Não acredito que queirais lograr-me.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Corre, Drômio, que é tempo. E tu, ó bruxa, fora!

DRÔMIO DE SIRACUSA - Disse o pavão: que orgulho! Ouviste-lo, senhora?

(Saem Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.)

CORTESÃ - Não há dúvida: Antífolo está louco; se não, não se aviltara desse

modo. Ficou com meu anel que vale cerca de quarenta ducados,

prometendo que em
paga me daria uma cadeia. No entanto, agora nega ambas as coisas.
A principal
razão de o julgar louco, sem falarmos no acesso de há momentos,
se cinge à
história singular que à mesa do jantar me contou, de que se achava
impedido de
entrar na própria casa. Só se a mulher, por ver o seu estado, man-
dou fechar a
porta de propósito. Só me resta o recurso de ir à casa de Antífolo e
contar à
sua esposa que ele, por ter ficado de repente desassissado, me inva-
diu a casa e o
anel me arrebatou. Sim, farei isso; reaver o anel perdido é bom
serviço.
(Sai.)

Cena IV

Uma rua. Entram Antífolo de Éfeso e um oficial de justiça.
ANTÍFOLO DE ÉFESO - Nada temas, amigo, que eu não fujo.
Antes de te deixar
dar-te-ei a soma justa da minha fiança. Minha esposa desde hoje
está de gênio
insuportável. Certamente não deu crédito fácil ao mensageiro que
levou a notícia
de que eu me achava em Éfeso detido. Semelhante notícia - é o que
vos digo - lhe
há de ter parecido muito estranha.
(Entra Drômio de Éfeso com uma corda.)
Meu criado vem vindo. Com certeza traz o dinheiro. Então, senhor,
trouxestes a
encomenda de que eu vos incumbira?

DRÔMIO DE ÉFESO - Aqui está o com que dar a eles todos o troco suficiente.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - E o meu dinheiro?

DRÔMIO DE ÉFESO - Ora, senhor, gastei-o nesta corda.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Quatrocentos ducados pela corda?

DRÔMIO DE ÉFESO - Com isso, quatrocentas vos comprara.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Que foi que eu te mandei buscar em casa?

DRÔMIO DE ÉFESO - Uma corda, senhor; eis-me de volta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Recebe, então, de volta este presente.

(Bate-lhe.)

OFICIAL DE JUSTIÇA - Senhor, tende paciência.

DRÔMIO DE ÉFESO - Paciência preciso eu, que estou apanhando.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Filho, detém a língua.

DRÔMIO DE ÉFESO - Mandai, então, que ele detenha o braço.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Descarado! Vilão insensível!

DRÔMIO DE ÉFESO - Desejara ser insensível, senhor, para não sentir vossas

pancadas.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Só és sensível à pancada, tal qual um asno.

DRÔMIO DE ÉFESO - Sou um asno, realmente; e a prova são estas orelhas compridas.

Eu o servi desde o dia de meu nascimento até hoje, não tendo recebido em

pagamento senão pancada. Quando estou com frio, ele me aquece com pancada;

quando estou quente, ele me esfria com pancada; se durmo, é com pancada que ele

me esperta; se me sento, com pancada me faz levantar; quando saio à rua, é com

pancada que ele me faz atravessar a porta sendo, também, com pancada que me dá

as boas-vindas. Carrego as pancadas nos ombros, como os mendigos os seus fedelhos, e estou certo de que, quando ele me deixar aleijado, terei de mendigar com elas de porta em porta.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Vamos saindo daqui, que minha mulher já chega.

(Entram Adriana, Luciana, a cortesã e Pinch.)

DRÔMIO DE ÉFESO - Senhora, respice finem, atenção ao fim! Ou melhor, como diz o

profeta e o papagaio: Cuidado com o fim da corda!

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Ainda te pões a falar?

(Bate-lhe.)

CORTESÃ - E agora, que dizeis? Não está louco?

ADRIANA - É o que faz crer a sua grosseria. Meu caro Doutor Pinch, sois

exorcista; restituí-lhe a razão, é o que vos peço, e obtereis de mim tudo o que quiserdes.

LUCIANA - Oh, como ele olha furibundo e firme!

CORTESÃ - Vede como a loucura o deixa trêmulo.

PINCH - Quero sentir o pulso; dai-me a mão.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Aqui está a mão; senti no ouvido o pulso.

(Bate-lhe.)

PINCH - Satã que habitas este corpo, intimo-te a obedecer às minhas santas

preces e voltar sem demora para as trevas. Pelos santos do céu, eu te conjuro!

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Cala-te, feiticeiro impertinente! Não estou louco.

ADRIANA - Ah! quem nos dera mesmo, pobre alma atribulada!

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Então, faceira, todos estes são vossos

habituaados? Este tipo

de cara de açafão jantou hoje convosco em minha casa, enquanto entrada nela me

negavam as crimosas portas?

ADRIANA - Oh, marido! Deus sabe que hoje tu jantaste em casa. Se houvesse lá

ficado, ora estarias livre do opróbro e de tão grande escândalo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Jantei em casa? Biltre, que respondes?

DRÔMIO DE ÉFESO - Senhor, para ser franco, não jantastes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não nos foi impedida a entrada? A porta não estava trancada?

DRÔMIO DE ÉFESO - Justamente; fechada a porta, e vós deixado fora.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - E ela, não me atirou baixos insultos?

DRÔMIO DE ÉFESO - Sans fable, vos lançou baixos insultos.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - De mim não riu a sua cozinheira, não me insultou, não me

cobriu de chulas?

DRÔMIO DE ÉFESO - Certes, tudo isso fez a vestal cuca.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - E não me retirei de lá, furioso?

DRÔMIO DE ÉFESO - Isso mesmo; comprovam-no meus ossos, que as marcas ainda têm

de vossa fúria

ADRIANA - Será prudente concordar com ele?

PINCH - Não há mal; o velhaco tem consciência do estado do patrão, e,

concordando com ele, contribui para acalmá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - O ourives subornastes e fui preso.

ADRIANA - Oh, Deus do céu! Para livrar-te logo, mandei por Drômio quanto me

pediste, quando, a correr, buscar foi ele a bolsa.

DRÔMIO DE ÉFESO - Por mim? Dinheiro? Só se foi em sonho. Certamente pensastes em

fazê-lo; mas nem um real, um real sequer me destes.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não foste procurá-la, porque a bolsa de ducados te desse?

ADRIANA - Foi a casa, e logo eu lha entreguei.

LUCIANA - Sou testemunha de que é verdade o que ela está dizendo.

DRÔMIO DE ÉFESO - Deus e o cordeiro sejam testemunhas de que eu tive a

incumbência, tão-somente, de ir comprar uma corda.

PINCH - Estão possessos ambos, minha senhora: o amo e o criado. Na palidez do

rosto o reconheço, na maneira de olhar. Será preciso amarrá-los e os pôr em

quarto escuro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Fala: por que hoje me trancaste a porta?

Por que não me

trouxeste o saco de ouro?

ADRIANA - Eu não te deixei fora, caro esposo.

DRÔMIO DE ÉFESO - E a mim, caro patrão, não deram nada; mas concordo em que vós

ficastes fora.

ADRIANA - Mentas, vilão dissimulado, tanto num caso como no outro.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Prostituta dissimulada, és falsa em todos eles. Estás

mancomunada com este bando de desclassificados, para objeto me fazeres de

opróbrio. Mas com as unhas vou arrancar-te os olhos mentirosos, que com minha

vergonha se divertem.

ADRIANA - Oh, amarra-o! Não deixeis que o faça!

PINCH - Venha mais gente! O diabo é muito forte.

LUCIANA - Que olhar! Como está pálido o coitado!

(Entram três ou quatro homens e amarram Antífolo de Éfeso.)

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Ireis assassinar-me? Carcereiro, deténs-me e ora permites que me amarrem?

OFICIAL DE JUSTIÇA - Mestres, deixai-o livre; ele se encontra sob minha guarda; não podeis prendê-lo.

PINCH - Atai também o criado; está maluco.

(Amaram Drômio de Éfeso.)

ADRIANA - Oficial insensato, que pretendes? Tens alegria à vista de um coitado

que a si mesmo se ultraja e faz violência?

OFICIAL DE JUSTIÇA - Ele é meu prisioneiro; se o levardes, de mim exigirão quanto ele deve.

ADRIANA - Antes de ir, desobrigo-te de tudo. Leva-me ao seu credor, para que eu saiba quanto ele deve e a dívida resgate. Meu bom mestre doutor, levai-o a casa

com toda a segurança. Oh dia infame!

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Oh prostituta infame!

DRÔMIO DE ÉFESO - Mestre, por vós me vejo agora preso.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Cala-te, biltre, que me deixas louco.

DRÔMIO DE ÉFESO - Quereis que vos amarrem sem motivo?

Ficai louco e gritai:

Aqui, diabo!

LUCIANA - Quanta tolice esses coitados dizem!

ADRIANA - Levai-os logo. Irmã, vinde comigo.

(Saem Pinch, os criados, Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.)

Dizei: à ordem de quem foi ele preso?

OFICIAL DE JUSTIÇA - De um tal Ângelo, ourives. Conheci-lo?

ADRIANA - Conheço, sim; e a quanto monta a dívida?

OFICIAL DE JUSTIÇA - A duzentos ducados.

ADRIANA - De que compra?

OFICIAL DE JUSTIÇA - De uma cadeia que lhe encomendara vosso marido.

ADRIANA - Soube que ele havia feito a encomenda para mim; contudo, nunca vi a cadeia.

CORTESÃ - Pouco tempo depois de entrar, furioso, em minha casa vosso marido e

arrebatar-me a jóia - a mesma que lhe vi no dedo há pouco - com uma cadeia ao colo o vi de novo.

ADRIANA - É bem possível; porém nunca a vi. Ao ourives levei-me, carcereiro;

quero ficar a par de tudo o que houve.

(Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa, com espadas desembainhadas.)

LUCIANA - Deus nos acuda! Estão de novo soltos!

ADRIANA - E de espadas na mão! Chamai mais gente, para os prender.

OFICIAL DE JUSTIÇA - Vão nos matar; fuja-mos.

(Saem Adriana, Luciana e o oficial de justiça.)

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Pelo que vejo, as duas feiticeiras a espada as amedronta.

DRÔMIO DE SIRACUSA - A que queria ser vossa esposa, agora vos evita.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Vai ao Centauro e tira as nossas coisas. Não vejo a hora de entrarmos no navio.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ora, senhor, ficai mais esta noite; não nos farão nenhum

mal. Bem vedes que nos dirigem palavras amáveis, dão-nos dinheiro... Parece

tratar-se de uma nação muito amável; se não fosse a tal montanha

de carne louca,
que me reclama para esposo, não importaria de viver aqui e virar
bruxo.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Nem por toda a cidade eu passo a
noite. neste lugar. Por
isso, não demores: vai logo pôr a bordo nossas coisas.
(Saem.)

ATO V

Cena I

Uma rua defronte da Abadia. Entram o mercador e Ângelo.

ÂNGELO - Fico triste por ter-vos retardado; mas, em verdade,
posso asseverar-vos
que lhe dei a cadeia, embora o negue por maneira tão fria e deso-
nesta.

MERCADOR - Em que conceito é tido na cidade?

ÂNGELO - No mais alto; é de crédito infinito, muito estimado, de
impoluto nome;
na cidade é o primeiro, sempre, em tudo. Uma palavra sua, em
qualquer tempo, me
faria empenhar toda a fortuna.

MERCADOR - Falai baixo; ei-lo aqui, se não me engano.

(Entram Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.)

ÂNGELO - Justamente, e ao pescoço traz a mesma cadeia que por
modo tão
monstruoso negou ter recebido. Ficai perto de mim; vou lhe falar.
Senhor

Antífolo, muito me admira o incômodo e a vergonha que me
causastes - não sem vos

manchardes algum tanto - por terdes protestado sob juramento e

com tamanho
afinco, não vos ter eu entregue essa cadeia que ao pescoço trazeis
com tal
descaso. Além da queixa, da prisão, do opróbrio por que passei,
causastes a este
amigo grande prejuízo, pois a não ter sido impedido por nossa
controvérsia, a
estas horas se achara velejando. Dei-vos essa cadeia, não é certo?
ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Creio que sim; jamais neguei tal
coisa.

MERCADOR - Negastes, sim senhor, sob juramento.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Quem foi que ouviu, quando eu
jurei tal coisa?

MERCADOR - Eu próprio o ouvi; bem sabes que é verdade, mise-
rável. Que opróbrio!

Teres vida para te ombreares com pessoas sérias!

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não passas de um vilão, por me
acusares dessa maneira.

Provarei minha honra e minha honestidade agora mesmo, se tiveres
o ousio de
enfrentar-me.

MERCADOR - Tenho, vilão! Aceito o desafio.

(Sacam das espadas. Entram Adriana, Luciana, a cortesã e outros.)

ADRIANA - Parai, por Deus! Não o firais! É louco! Segurai-o por
trás! Tomai-lhe
a espada!

Amarrai Drômio e a casa levai ambos.

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, corramos, pelo amor de Deus!
Procuremos abrigo em
qualquer casa. Aqui perto há um convento; entremos nele; do
contrário, estaremos
liquidados.

(Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa se acolhem à Abadia.

Entra a

Abadessa.)

ABADESSA - Boa gente, acalmai-vos. Por que causa vos reunis aqui?

ADRIANA - Para levarmos meu infeliz marido, que está louco. Permitti-nos entrar, porque possamos amarrá-lo e levá-lo para casa, e ele a razão recuperar consiga.

ÂNGELO - Percebi logo que ele não estava em seu perfeito juízo.

MERCADOR - Ora lastimo ter lançado contra ele mão da espada.

ABADESSA - Há quanto tempo anda ele assim possesso?

ADRIANA - Passou toda a semana fatigado, aborrecido, triste, nas menores coisas

muito Outro do que ser costuma. Mas somente hoje à tarde a sua doença chegou a esses acessos de loucura.

ABADESSA - Não perdeu muitos bens nalgum naufrágio? Não teria enterrado algum

amigo? Acaso os olhos não lhe ensejariam ao coração algum amor ilícito? É pecado

freqüente nos mancebos que dão aos olhos muita liberdade. Por qual destas razões sofre ele agora?

ADRIANA - Por nenhuma, a não ser, talvez, pela última, algum amor que o desviou de casa.

ABADESSA - Por isso, certamente, o repreendestes.

ADRIANA - Foi o que fiz, de fato.

ABADESSA - Mas com modos.

ADRIANA - Tanto quanto a modéstia o permitia.

ABADESSA - Em casa apenas, creio.

ADRIANA - Não; na frente de estranhos uma vez.

ABADESSA - Mas não muitas.

ADRIANA - Era o assunto de todas as conversas. Tanto sobre isso eu lhe falava,
que ele mal podia dormir; quando na mesa das refeições, de tanto eu falar nisso,
não provava bocado; quando estava só comigo, era o assunto que eu puxava; se
tínhamos visitas, atirava-lhe freqüentes indiretas. A toda hora lhe dizia que
ele era vil e mau.

ABADESSA - De aí ter acabado ele maluco. As queixas venenosas de uma esposa
ciumenta são de efeito mais nocivo do que dentada de cachorro louco. Parece que
essas rixas o impediam de dormir; eis a causa de ter ele ficado com o juízo
perturbado. Disseste que ele, às refeições, só tinha censuras por tempero. Ora,
quem come sem a calma precisa, não digere, de onde se originarem grandes febres.

E a febre que é, senão um grande acesso de loucura? Disseste que o repouso lhe
perturbavas sempre com censuras. Quando o recreio ameno é perturbado, que se
segue senão tristeza e funda melancolia, irmã do desespero mais inquieto e
feroz? No rasto deste segue uma tropa imensa de moléstias, de pálidas desordens,
de inimigos da vida humana. A conseqüência é clara: perturbações à mesa ou no
repouso o mais cordato ser deixam furioso. Assim, foi tão-somente o teu ciúme
que perturbou do esposo o claro lume.

LUCIANA - Ela só o repreendia com brandura, e ele com voz lhe

respondia dura.

Deixais tantas censuras sem resposta?

ADRIANA - É que ela em mim faz despertar remorsos. Entrai, amigos, e amarrai-o firme.

ABADESSA - Jamais; em minha casa ninguém entra.

ADRIANA - Dizei aos servos, pois, que o tragam logo.

ABADESSA - Não, que ele se acolheu a um lugar santo. De vossas mãos deve ficar seguro, té que a razão eu possa devolver-lhe, ou desista do esforço, por inútil.

ADRIANA - Eu, só, quero tratar do meu marido, ser a enfermeira na doença dele;

nisso não quero ter quem me auxilie. Deixai, assim, que a casa mo conduzam.

ABADESSA - Ficai calma. Impossível é entregá-lo sem lançar mão, primeiro, dos

recursos de que disponho: drogas benfazejas, xaropes, orações, porque consiga

reconduzi-lo à dignidade humana. É ramo e parte do meu voto sacro, caridoso

dever da ordem que sirvo. Deixai-o, pois, comigo e ide tranqüila.

ADRIANA - Não sairei daqui, deixando o esposo. Não fica bem à vossa santidade

separar da mulher o seu marido.

ABADESSA - Não insistais, que dar-vo-lo não posso.

(Sai.)

LUCIANA - Ao duque vos queixai dessa violência.

ADRIANA - Vou procurá-lo e aos pés prostrar-me dele até que minhas lágrimas e

preces demovam Sua Graça a, pessoalmente, tomar desta abadessa meu marido.

SEGUNDO MERCADOR - Se estou certo, o quadrante do relógio

marca cinco horas, o
momento exato de por aqui passar o próprio duque para o vale da
morte, o
melancólico lugar da execução dos condenados, um pouco além
dos fossos da
abadia.

ÂNGELO - E que motivo o traz?

SEGUNDO MERCADOR - Vem assistir ao público espetáculo da
decapitação de um
reverendo siracusano, cujo triste fado trouxe à nossa baía, contra os
duros
estatutos e leis desta cidade.

ÂNGELO - De fato; ei-lo que chega. Vou ver isso.

LUCIANA - À passagem do duque cai de joelhos.

(Entra o duque com seu séqüito; Egeu, de cabeça descoberta, o
carrasco e
auxiliares.)

DUQUE - De novo proclamai: se algum amigo dele quiser pagar o
seu resgate,
ser-lhe-á perdoada a pena. Assim fazemos pela grande piedade que
nos causa.

ADRIANA - Mui nobre duque, impetro-te justiça contra a abades-
sa! -

DUQUE - É digna e mui virtuosa; nenhum mal poderá ter ela feito.

ADRIANA - Não desagrade a Vossa Graça: Antífolo, meu marido,
que eu fiz senhor

de todos os meus bens e de mim, seguindo nisso vossa carta imperi-
osa, foi, de

súbito, tomado hoje - oh fatal e triste dia! - de um vergonhoso
ataque de

loucura, que o fez correr as ruas da cidade, causando aos transeun-
tes mil

incômodos e entrando pelas casas, de onde jóias tirava, anéis e o

mais que lhe
pudesse ser à fúria agradável. Pude, a custo, mandá-lo para casa,
enquanto eu
própria procurava pagar os prejuízos que, aqui e ali, sua fúria
cometera. Nisso,
não sei por que violentos meios, pôde escapar dos guardas que o
detinham e,
juntamente com o criado louco, tomados ambos de um violento
acesso, de espadas
nuas sobre nós caíram, a fugir nos forçando, até que auxílio buscás-
semos de
novo. Nesse ponto entraram na abadia, onde os seguíamos, se a
superiora a porta
não fechasse, não permitindo que empós dele fôssemos nem dei-
xando que a casa o
conduzissem. Assim, determinei, gracioso duque, nos seja ele ora
entregue,
porque eu possa levá-lo para casa e tratar dele.

DUQUE - Teu marido me serve há muito tempo nos trabalhos da
guerra. A ti me
prende, desde quando o acolheste como esposo, minha palavra de
honra de que
sempre faria o que pudesse em prol de Antífolo. Algum de vós aí
bata na porta da
abadia e me chame a superiora. Antes de ir deixo o caso resolvido.
(Entra um criado.)

CRIADO - Fugi, minha patroa, sem demora! Meu mestre e o criado
estão outra vez
soltos. Dão nas criadas, sem poupar nenhuma; o doutor amarraram;
chamuscaram-lhe
a barba com tições, e quando o fogo começava a subir, arremessa-
ram sobre o
coitado baldes de água suja, para extinguir as chamas. O meu

mestre lhe
recomenda calma, enquanto o criado, como se faz com os loucos, o
tosquia com uma
grande tesoura. Se não fordes em auxílio do mísero, é certeza
darem-lhe os
loucos conta do canastro.

ADRIANA - Cala, imbecil! Teu mestre está aqui dentro; ele e o
criado. Não sabes
o que dizes.

CRIADO - Por minha vida, estou falando sério; mal respirei, de-
pois daquela cena.

Grita por vós e jura que se, acaso, conseguir vos pegar, há de
queimar-vos o
rosto e vos deixar desfigurada.

(Ouvem-se gritos dentro.)

Ouço-o! Fugi, senhora, sem delongas!

DUQUE - Fica junto de mim; não tenhas medo. Guardas com
alabardas, aqui perto!

ADRIANA - Oh Deus! E meu marido! Testemunhas sede de que,
invisível, ele pôde
transportar-se pelo ar. Neste momento vimo-lo entrar ali, e ora está
fora! Isso
ultrapassa o entendimento humano.

(Entram Antífolo de Éfeso e Drômio de Éfeso.)

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Justiça, grande duque! Eu te suplico:
concede-me justiça por
aquele serviço que te fiz quando, na guerra, recebi fundo golpe por
salvar-te.

Pelo sangue que, então, por tua causa de mim se escoou, concede-
me justiça.

EGEU - Se o medo à morte não me faz caduco, vejo meu filho
Antífolo com Drômio.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Justiça, doce príncipe, contra essa mu-

lher que tu me deste
como esposa. De mim ela abusou, fez-me alta injúria, desonrou-me,
tratou-me com
tal fúria, que conceber não pode a mente humana tudo o que hoje
me fez essa
megera.

DUQUE - Conta o que houve e acharás em mim justiça.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Hoje, senhor, ela fechou-me a porta,
para se banquetear com
gente à-toa, dentro de minha casa.

DUQUE - A falta é grave, muito grave. É verdade o que ele disse?

ADRIANA - Não, meu bom lorde; eu, ele próprio e a mana janta-
mos juntos hoje.

Morrer quero, se tudo o que ele diz não for mentira.

LUCIANA - Não quero ver jamais a luz do dia, nem repousar à
noite, se verdade
não for quanto ela disse a Vossa Alteza.

ÂNGELO - Quanta mentira! As duas são perjuras; fala a verdade o
louco neste
ponto.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Meu soberanos, eu sei o que vos digo; o
vinho não me turva o
entendimento; não me transtorna a cólera furiosa, muito embora os
ultrajes a mim
feitos pudessem deixar louco o homem mais sábio. Esta mulher
deixou-me hoje na
rua, quando eu ia jantar, o que este ourives confirmar poderia, se
não fosse com
ela estar mancomunado agora, pois ele me deixou neste momento
para ir buscar uma
cadeia, tendo prometido levá-la ao Porco-espinho, onde eu e
Baltasar então
jantamos. Não tendo aparecido, após a mesa saí a procurá-lo e, em

companhia do
senhor que aqui está, o achei na rua. Então jurou-me este astucioso
ourives que
entrega me fizera da cadeia que, Deus o sabe, nunca e nunca eu
vira. Sob essa
acusação mandou prender-me. Obedeci-lhe e, sem demora, a casa
enviei meu servo
empós de alguns ducados, que ele não trouxe. Então, em termos
brandos falei ao
oficial para que, juntos, fôssemos até casa. Em caminho, porém,
nós encontramos
minha mulher, a irmã e uma caterva de cúmplices. Com eles vinha
um tipo
denominado Pinch, um magricela, espécie de esqueleto, um saltim-
banco, um
charlatão e tirador de sortes, um pobre diabo de olhos encovados,
um biltre de
olhar baço, um morto-vivo. Pensai só que esse escravo amaldiçoa-
do se arvorou a
exorcista e, de olhos fixos nos meus, tomou-me o pulso e, com seu
todo de alma
penada, a me fitar, me disse que eu estava possesso. Nisso, todos
caíram sobre
mim, as mãos me ataram, amarraram-me os pés, e, juntamente com
meu servo, também
todo ele atado, nos puseram num quarto úmido e escuro. Com os
dentes pude
desfazer os laços e libertar-me, vindo in continenti procurar Vossa
Graça, a
quem suplico que se me dê satisfação completa de tanta ofensa e de
tão grande
opróbrio.

ÂNGELO - Posso afirmar, milorde, que, em verdade, hoje jantar

ele não pôde em
casa.

DUQUE - Mas recebeu, ou não, tua cadeia?

ÂNGELO - Sim, milorde; ao pescoço ele a trazia, quando por nós
passou; todos a
viram.

SEGUNDO MERCADOR - Posso, demais, jurar que vos ouvi com
estes ouvidos,

confessar que tínheis a aludida cadeia, ao passo que antes, no
mercado,

dissestes o contrário. Foi então que eu fiz uso desta espada e fostes
refugiar-vos na abadia, de onde saístes, penso, por milagre.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Jamais entrei os muros da abadia, nem
nunca a espada contra

mim tirastes. O céu me é testemunha de que nunca vi nenhuma
cadeia. Tudo quanto

contra mim assacastes é mentira.

DUQUE - Quanto complicação! Até parece que a provar vos deu
Circe a beberagem.

Se na abadia ele tivesse entrado, ainda estaria lá. Se fosse louco,
não poderia

discorrer com tanto sangue-frio e coerência. Assegurastes que ele
jantou em

casa; mas o ourives afirma o oposto. E vós, que dizeis disso?

DRÔMIO DE ÉFESO - Ele e aquela mulher jantaram juntos, no
Porco-espinho.

CORTESÃ - E fato; foi quando ele me arrebatou do dedo aquele
anel.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - É certo, nobre duque; o anel é dela.

DUQUE - Viste quando ele entrou nesta abadia?

CORTESÃ - Tão certo como vejo Vossa Graça.

DUQUE - É estranho, Ide chamar a superiora.

(Sai uma pessoa do séqüito.)

Se não estais variando, enlouquecestes.

EGEU - Mui poderoso duque, uma palavra me seja permitida. Ali percebo amigo que

me vai salvar a vida, por mim pagando a multa cominada.

DUQUE - Fala, siracusano, o que quiseres.

EGEU - Por obséquio, senhor, não sois Antífolo? E não se chama Drômio aquele

escravo que a vós está ligado?

DRÔMIO DE ÉFESO - Até há uma hora ligado a ele estava. Mas por sorte - devo-lhe

esse favor - roeu-me a corda. Ora sou Drômio, escravo desligado.

EGEU - Penso que ainda vos lembrais de mim.

DRÔMIO DE ÉFESO - Vendo-vos, nos lembramos de nós mesmos, pois até há pouco

estávamos atados, como ora vos achais. Pelo que vejo, Pinch vos pôs também no

seu regime.

EGEU - Por que me olhais dessa maneira? Penso que sabeis quem eu sou.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Até este instante jamais vos tinha visto em toda a vida.

EGEU - É que a tristeza me alterou bastante dès que nos separamos. As cuidosas

horas e o tempo com sua mão deforme me deixaram no rosto estranhos sulcos. Mas

respodei se pela voz, ao menos, não vos lembrais de mim.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não.

EGEU - E tu, Drômio?

DRÔMIO DE ÉFESO - Tampouco eu, meu senhor.

EGEU - Tenho certeza de que de mim te lembras.

DRÔMIO DE ÉFESO - Ora, senhor, e eu tenho certeza de que não me lembro. E quando

uma pessoa vos nega alguma coisa, será forçoso ficardes atado à

sua palavra.

EGEU - Não me conhece a voz? Ó tempo ingrato! De tal maneira a língua me

fendeste nestes curtos sete anos, que meu único filho não reconhece o som

rachado de minhas desentoadas amarguras? Embora tenha o amarfanhado rosto

recoberto de neve floconosa do inverno destruidor da seiva viva, e congelados já

me estejam todos os condutos do sangue, ainda me resta nesta noite de vida algum

resquício da memória de outrora, minha lâmpada quase extinta ainda emite uma luz

tênue, ainda ouve alguma coisa o ouvido mouco. E todas essas testemunhas dizem -

não posso errar- que tu és meu filho Antífolo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não vi meu pai em toda a minha vida.

EGEU - Entanto, sabes, jovem, que há sete anos, me separei de ti em Siracusa.

Sim, compreendo, meu filho: é que te acanhas de me reconhecer nesta miséria.

ANTÍFOLO - O duque e todos quantos me conhecem podem dar testemunho do que

afirmo. Jamais vi Siracusa em toda a vida.

DUQUE - Posso te assegurar, siracusano, que, há vinte anos, Antífolo é meu

súdito e que ele nunca esteve em Siracusa. Vejo que a muita idade e os

sofrimentos te fizeram perder de todo o juízo.

(Volta a Abadessa com Antífolo de Siracusa e Drômio de Siracusa.)

ABADESSA - Mui poderoso duque, olhai este homem que tem sofrido muitas

injustiças.

(Todos se aproximam para olhá-lo.)

ADRIANA - Ou vejo mal, ou vejo dois maridos.

DUQUE - Um destes indivíduos gênio é do outro. Dá-se o mesmo com aqueles. Mas

quem pode dizer qual seja o espírito, qual o homem!

DRÔMIO DE SIRACUSA - Drômio sou eu, senhor; mandai-o embora.

DRÔMIO DE ÉFESO - Drômio sou eu; não permitais que eu saia.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não sois Egeu? Ou acaso sois o espírito dele somente?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Ó meu antigo mestre! Quem foi que vos atou dessa maneira?

ABADESSA - Fosse quem fosse, a mim cumpre soltá-lo dessas cadeias, para que um marido, com sua liberdade, a ganhar venha. Dize-me, velho Egeu, se já tiveste

por esposa uma Emília, que dois gêmeos te brindou de uma vez, dois lindos

filhos? Oh! Se és o mesmo Egeu, fala-me! fala-me que aqui tu vês aquela mesma

Emília.

EGEU - Se não estou sonhando, tu és Emília. Se és ela mesma, dize onde está o

filho que contigo flutuou no fatal mastro?

ABADESSA - Eu, ele e Drômio fomos recolhidos por gente de Epidamno. Pouco tempo

depois, no entanto, rudes pescadores de Corinto tomaram-lhes meu filho,

juntamente com Drômio, entre os primeiros me deixando sozinha. Qual tivesse sido

a sorte dos dois, não sei dizer-te; a mim coube a fortuna que contemplas.

DUQUE - Isso completa a história começada nesta manhã. Estes

irmãos Antífolos

tão parecidos, e os dois gêmeos Drômios, que não se diferenciam, e o naufrágio a

que ela se refere... Os pais são estes destes dois filhos que, por coincidência,

aqui juntos estão. Dize-me, Antífolo: era Corinto teu lugar de origem?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Não, milorde; eu cheguei de Siracusa.

DUQUE - Não vos distingo; põe-te deste lado.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - De Corinto eu cheguei, gracioso lorde...

DRÔMIO DE ÉFESO - E eu com ele.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - em companhia do guerreiro excelso, Duque de Menafon, vosso alto tio.

ADRIANA - Qual de vós dois jantou hoje comigo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Fui eu, senhora.

ADRIANA - Sois o meu marido?

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Não; respondo por ele.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - O mesmo eu digo.No entanto, ela de esposa me chamava,

como de irmão esta gentil menina, sua irmã.

(A Luciana.)

Tudo quanto então vos disse pretendo confirmar com mais sossego, se sonho não

for tudo que ouço e vejo.

ÂNGELO - Senhor, essa é a cadeia que eu vos dei.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - E vós, senhor, por ela me prendestes.

ÂNGELO - Creio que sim; não penso em contestá-lo.

ADRIANA - Mandei pagar por Drômio vossa fiança; mas temo que ele não a tenha

pago.

DRÔMIO DE ÉFESO - Por mim não.

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Recebi esta bolsa de ducados por vós enviada por meu servo Drômio. Vejo agora que os servos nós trocamos; eu passava por ele e ele por mim; de aí terem nascido tantos erros.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Libertarei meu pai com esses ducados.

DUQUE - Não é preciso; a vida eu lhe concedo.

CORTESÃ - Meu diamante, senhor, restituí-me.

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Ei-lo aqui; muito grato pela festa.

ABADESSA - Famoso duque, dai-vos ao trabalho de ir conosco à abadia, porque a história possais ouvir de quanto nós passamos. E todos vós que estais aqui reunidos, a quem os erros de um só dia foram causa de sofrimentos, também vinde, que eu vos darei satisfação cabal. Durante trinta e três anos seguidos sofri por vós, meus filhos, só me tendo livrado de meu sofrimento neste instante. O duque, meu marido, meus dois filhos, e vós ambos, também, os calendários do nascimento deles, vinde todos. À vossa a minha dita se associa; grande, imensa será nossa alegria.

(Saem o duque, a abadessa, Egeu, a cortesã, o mercador, Ângelo e pessoas do séqüito.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Mestre, trago de bordo as vossas coisas?

ANTÍFOLO DE ÉFESO - Que coisas minhas, Drômio, estão a bordo?

ANTÍFOLO DE SIRACUSA - Isso é comigo. Drômio, eu sou teu mestre. Vem comigo;
depois tratamos disso. Abraça teu irmão e fica alegre.
(Saem Antífolo de Siracusa e Antífolo de Éfeso, Adriana e Luciana.)

DRÔMIO DE SIRACUSA - Aquela cozinheira gordanchuda da casa de teu amo, que hoje
à tarde me tratou com quitutes, de hoje em diante irmã minha vai ser, não minha esposa.

DRÔMIO DE ÉFESO - Não pareceis meu mano, mas o espelho em que me esteja vendo:
um belo tipo, realmente! Não quereis ir à abadia, para ouvir relatar nossas histórias?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Sim, mas primeiro vós; sois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO - É uma questão. Mas como decidi-la?

DRÔMIO DE SIRACUSA - Vamos tirar a sorte para o título da primogenitura. Mas enquanto não decidirmos isso, ficais sendo de nós dois o mais velho.

DRÔMIO DE ÉFESO - Então, desta arte: Se, como irmãos, ao mundo em boa hora viemos, de mãos dadas, agora, a esta abadia entremos.
(Saem.)